

A ÁRVORE DAS PALAVRAS

Coletânea de textos de alunos da Escola Secundária Eng.º Acácio Calazans Duarte

Lemos com Sentido(s)

Movimento 14-20 a Ler – PNL

Publicação: Mediateca da Calazans

Organização e prefácio: Jorge Carreira Alves

2.º Volume

Marinha Grande – 2021/2022

PREFÁCIO

Se de árvore falamos, se a tratámos com todo o amor que uma árvore nos merece, se a protegemos, alimentámos e cuidámos, é natural que tenhamos, ao fim de um ano de labor e dedicação, os frutos mais esperados, coloridos e saborosos.

E assim, mais uma vez, sucedeu: neste culminar de ano letivo de grande empenho e de muito labor por parte de muitos dos nossos alunos, a nossa “Árvore das Palavras” voltou a florir e a dar os mais deliciosos frutos nascidos da imaginação e dos puros e vivos sentimentos de quem, em cada dia, descobre novos caminhos para a sua vida, transmitindo as suas emoções através de palavras flamejantes e de coloridas imagens poéticas que muito deleitam a quem as pode fruir.

Com esta safra de poesia, imaginação, reflexão e emoção proveniente de vivos sentimentos juvenis apresentamos, pelo segundo ano consecutivo, a nossa “Árvore das Palavras”, o e-book que a equipa da Mediateca da ESEACD volta a publicar, integrado no projeto Lemos com Sentido(s), que se conjuga no programa Movimento 14-20 a Ler do Plano Nacional de Leitura.

Esta segunda edição apresenta uma maior diversidade de textos produzidos, já que, tivemos colaborações desde alunos do 8º até ao 12º ano, o que nos alegra imenso, porquanto talvez possamos inferir de tal participação que o gosto pela leitura e pela escrita continua a evidenciar-se entre a nossa população estudantil. Para além disso, dever-nos-emos regozijar pelo facto de uma das nossas alunas, a Maria Coutinho, ter sido contemplada com o primeiro prémio do concurso promovido pela Força Aérea Portuguesa, “Cria e Voa Connosco” o que nos enche de orgulho dando-nos também a certeza de que esta dinâmica estudante poderá vir a ter um brilhante percurso na área literária e da comunicação.

Para todo este sucesso, deveremos realçar o trabalho que as nossas colegas, sobretudo de português, têm tido para incutir, através de diferentes abordagens, o incentivo à criação e fruição da arte das palavras, promovendo a participação nas nossas iniciativas literárias, tendo como um dos seus resultados mais palpáveis a concretização desta edição. Por esse motivo, aproveitamos este ensejo para lhes enviarmos os nossos mais sinceros agradecimentos. Da mesma forma o fazemos à equipa que colaborou na ilustração desta segunda edição, a cargo da turma do 1.º ano do Curso Técnico profissional de Multimédia.

Assim, convidamos-vos a colher dos melhores frutos produzidos pela nossa “árvore das Palavras”, e deixem-se empanturrar de beleza e poesia.

Jorge Carreira Alves

Primeira Parte

Do “g nesis” ao Digital

A tela

Autor Rodrigo Santos



A Tela

Estava Deus sentado a pintar o mundo, quando cegou. Quebrantado por tamanho infortúnio, chorou tantas lágrimas que, vincando montanhas e desenhando vales, se inventaram os oceanos. Nunca, naqueles seis primeiros dias de existência, se vira semelhante pranto e, não fosse isso suficiente, O Altíssimo parecia ter enlouquecido de vez e havia até chegado ao ponto de inventar cavalos de pescoço irrisoriamente grande, a que chamara girafas. Preocupadíssimas com o descarrilar da Criação, as hostes celestiais conjeturaram sobre o que fazer e chegaram tão fundo na sua introspeção que, em duas horas, se invencionou a psicologia – de nada lhes serviu. O tempo ia envelhecendo e o mundo, descansando no cavalete, parecia irremediavelmente abandonado a uma eternidade acromática.

Um das melancolias mais tarde, consternado de tanto não ver, cansado de tanto não olhar, devolvido à sua sensatez, recompôs-se e decidiu retornar-se ao trabalho. Pintar já não podia, então, dedicou-se à criação das moscas. Não foi trabalho que se dissesse muito fascinante ou sequer que se verificasse de alguma utilidade para a conjuntura da fauna e da flora mas, em verdade, foi o marcar de um regresso ao labor divino, e isso devia ser prezado e enaltecido. Desse modo, embora ainda escondido numa tristeza enublada, um vigor solarengo descobriu-lhe a alegria e esse antagonismo emocional fez, nos céus sobre Si, o primeiro arco-íris. O Próprio, está claro, não se apercebeu do sucedido, mas o mesmo não se pode dizer dos anjinhos e anjinhas e outras tais entidades do firmamento que se haviam recolhido a seus lares, desalentados pela depressão d'O Todo-poderoso.

O inédito acontecido, visto e murmurado entre ruas e ruelas do paraíso, como premonição de algo grandioso que aí vinha, chamou, sem palavra alguma, todos ao encontro daquela novíssima arte, digna de um fresco num, ainda por vir, teto da capela de Sisto, esta, desta vez, no teto do firmamento. Num burburinho de pés atrapalhados, as caras boquiabertas, em cada vez maior número, peregrinaram em direção às sete cores arqueadas. No âmago de cada um, sem exceção alguma – o mesmo seria dizer, no âmago da multidão – entalava-se o sentimento, um sentimento quente e bem de raiz, de que se avizinhava o apogeu da Criação indo, assim, o silêncio adensando-se muito alto à medida que se acercavam do destino.

Enfim, chegados ao arco-íris, todos se quedaram olhando a bela curva tingida. Isso já ninguém sabe, se por respeito às lágrimas emocionadas do próximo, se por estupefação do corpo, ninguém se moveu durante largo tempo. No entanto, porque alguma vez teria que ser, alguém quebrou aquele gelo de som e imagem – um velhote de bata encardida e fino branco cabelo, já a rarear. Subiu a um pedregulho na dificuldade de quem já muito viveu e, enxergando na multidão os sete a quem os olhos mais luziam, chamou-os a si, anjos e *anjias*. O que os sete não sabiam, mas logo ficaram a saber, é que aquele homem ali, tão vulgar como qualquer outro, era o contínuo dos céus. De certa forma, envolto numa beleza poética, isso fazia-o a pessoa mais importante do lugar tanto

que, se um dia se rebelasse e não abrisse o portão, não só causava um engarrafamento de criaturas no purgatório – pobre Gil Vicente, teria obra infinita para escrever –, como faria com que Deus não pudesse entrar pelos portões deixando os céus entregues a outro deus, ao deus-dará.

O contínuo, aos sete que se juntaram à sua beira, ofereceu sete pauzinhos de bigode farfalhado, os quais apresentou como se denominando “pincéis”. Ninguém sabia, sabe ou saberá a origem de tal invento, mas isso também não foi importante para o desenrolar do que se seguiria. O hepteto, de pinceis na mão, numa cegueira diferente da Deus, pois viam, seguiu de olhos vidrados em direção ao arco das sete cores. Lá chegados, continuamente levados por uma determinação que não era sua, molharam os pinceis no arco-íris e tocaram de pintar o mundo. Demão para cima, demão para baixo, na horizontal para o mar ficar bem azulinho. Já agora, num aparte, enquanto se vai pintando o mundo, é oportuno dizer os nomes dos empreendedores de tais feitos, ainda que desconhecidos. São eles: Pablo P., Vicent van G., Claude M., Salvador D., Frida K., Edvard M. e Leonardo da V. Despachada esta linha de créditos dados a quem os merece, o relato que prossiga.

Em boa verdade, a tela encontrava-se bem bonita, mas isso pouco valeu quando aos ouvidos d’O !ltíssimo chegou a notícia, vinda, certamente, de um cobiçoso ortodoxo, procurando cair nas Suas boas graças. Furibundo, vermelho de raiva – que então já existia o vermelho –, Deus proclamou que tamanha traição à sua autoridade ficaria conhecida como o Pecado Original embora que, com o tempo, Eva tenha vindo a apropriar-se de uma parte da culpa, dando uma folgazinha aos pobres sete. É assim a História, convém, de vez em quando, reescrever a culpa. No seguimento de tal proclamação, não se ficando por aí a sua cólera, O Todo-Poderoso enviou toda a corporação dos céus para a terra para que, eternamente, aprendessem a olhá-lo de baixo e a dirigirem-se-lhe de joelhos quando necessitassem dele. Tirou-lhes quaisquer privilégios e passou a chamá-los de Homens. Pois sabendo isto, tudo ganha um sentido muito mais lógico, que a única obra em que Deus não empreendeu a razão e a sensatez foi aquela que correu mal, somos nós, pecadores, prova viva disso.

Ora então, termino dizendo que se desenganem aqueles que pensavam que tinha sido Deus a pintar o mundo, que quem o fez foram os Homens.

Rodrigo Santos

VYNIL

por Rodrigo Santos



Design by Martim Silva

Vinyl

Abriu a tampa com delicadeza e deixou-a ficar suspensa para trás. O silêncio vazio deixou anunciar o som áspero do disco a escapar-se por entre o invólucro de papel até à ponta dos seus dedos. As mãos encararam aquele círculo preto como cristal e mal se atreveram a tocar-lhe. Só o necessário para a curta viagem até debaixo da agulha. A 45 rotações, a agulha começou por roubar uma lágrima à roda negra. Depois outra, e outra e, lentamente, o disco começou a chorar. Música triste? «Não. Música lindíssima. Como é que uma coisa triste pode ser tão bonita assim?» - dizia ele, sempre que tinha oportunidade. Sabendo-o um romântico lírico, já ninguém discutia – acenavam-lhe com a cabeça, numa deferência de sorriso bem-disposto.

De mãos abandonadas aos bolsos e olhar desarrumado, deixou o quarto do fundo e percorreu o corredor daquele andar de cima. Dos seus dois lados somavam-se as portas para divisões, ora quartos de dormir, ora quartos de outros assuntos que não dormir. Pareciam agora tão vazios de tão cheios de tralha. Nunca reparara quão desengraçado era aquele papel de parede, omnipresente na vida doméstica, num cor de rosa decadente e esmaecido. Talvez fossem os quadros por ali pendurados que o escondessem.

Lá em baixo, os janelões da sala deixavam passar a tímida luz do sol de inverno que ousara desafiar as nuvens enfadonhas. Uma relação íntima logo se estabeleceu entre o sol e o vestido amarelo dela. As flores brancas que salpicavam o amarelo do tecido davam-lhe um ar jovem e os olhos azuis faziam lembrar uma menina inocente, na flor da idade. Toda uma aura de leveza a envolvia, dos pés descalços, ao cabelo loiro reluzente.

O som percorria as paredes, infiltrando-se em cada rasgo do papel de parede. Rapidamente, toda a casa ouvia a melodia sem pestanejar. Ele desceu as escadas acompanhando as teclas agudas do piano, uma a uma, degrau a degrau, o som seco e lancinante. No final, deteve-se apoiado no corrimão. Os seus olhos permaneciam imóveis e humedecidos. Na sua boca, um sorriso mais profundo do que os lábios deixavam perceber. Mirava-a. Admirava-a. A ligeireza dos seus pés que agora se moviam ao som da música, perdendo-se pela tapete cor de chocolate, o esvoaçar do vestido descobrindo-lhe os joelhos, os braços que ameaçavam libertar-se e ganhar vida própria.

Não se conteve mais, avançou para ela e tomou-lhe os braços, encostou o seu corpo contra o dela, assentou-lhe uma mão nas costas e a outra segurou-lha contra o seu peito. Sorriu-lhe, desta vez, despreocupadamente. O ar adensou-se com o perfume etéreo vindo do gira-discos e tornou-se mais difícil respirar. Testemunhas, se as houvesse, diriam que jamais alguém dançara assim. E dançaram. Dançaram a um só batimento cardíaco no silêncio cheio de música. Não foi trocada qualquer palavra, as lágrimas que ela ia deixando cair encarregaram-se de dizer tudo o que era preciso dizer – um monólogo a gotas frias e cintilantes, qual fino orvalho da matina.

De súbito, tudo se preencheu de cores nunca antes vistas, um arco-íris ubíquo. Ela desaparecera. De si, restava a marca dos dedos cravados no peito dele. As mãos dele, agora soltas, entrelaçaram-se, levou-as ao rosto e inspirou aquele perfume pela última vez. Inspirou tão fundo que sentiu o seu peito a ser rasgado ao meio.

Então, sem que nada, aparentemente, o justificasse sorriu e disse: - Já sei, já sei, é altura de cumprir a minha parte do acordo.

Fechou os olhos como que num ato de renúncia às cores em volta e, em si, não se sabe bem onde, nem como, se abateu um escuro apático, calado e distante.

Partiu.

Rodrigo Santos

Deambulação

por Tiago Tojeira

Design by Tomás Teixeira

Deambulação

Dou por mim embaraçado em raiva, perdido em pensamentos sobre a dor de os ter e sobre o paradoxo que é a dor de amar o mundo e quem nele vive.

Acho ridículo eu, com tão pouco tempo de vida e sem qualquer impacto na paisagem do universo, chegar a conclusões tão simples, práticas e de fácil execução e, ainda assim, vejo gente que já tanto viveu e nada aprendeu a cometer os mesmos erros vezes e vezes sem conta. A raiva cresce e cultiva tristeza; será empatia a mais por quem não a merece? Algum sentido de justiça e moralidade hipócrita vinda de alguma ignorância irónica? Penso que, pelo menos, (faltando outra palavra que tão bem me sirva) penso, e isso já é mais do que muita gente se dá ao trabalho de fazer.

Equiparo estas erupções de raiva e revolta, alimentadas por hormonas e um sentido de ego adolescente, a grandes tempestades. Surgem subitamente e com pouco ou nenhum aviso, pelos motivos mais fúteis, sopram e rugem ferozmente em todas as direções sem critério ou distinção e acabam por desaparecer tão rapidamente como apareceram. Ao contrário das leves brisas meditativas, não deixam nenhuma resposta satisfatória nem algum desfecho revelador para trás. Chego a esta conclusão, que tantos outros antes de mim já alcançaram, e volto a entrar no ciclo vicioso de pensar nos “porquês”, ou pelo menos é o que faço quando me apanho distraído do esforço ativo para o não fazer.

Tudo isto brota de um desejo profundo tão imaginativo e utópico, mas simultaneamente tão real de ajudar tudo e todos, de chegar a um ponto em que possamos ser apenas quem somos, pessoas imperfeitas que se amam, sofrem, que se importam, que mentem, riem, choram e, ainda assim, no final, contra todas as probabilidades, conseguem viver todas juntas em harmonia num mundo com pelo menos alguma réstia de justiça.

Sinto uma incansável fome de conhecimento no que toca a estes tópicos e encontro respostas nas antigas filosofias orientais tão reais e palpáveis, tão simples e práticas, com provas empíricas milenares, que quase fico ofendido com o quão óbvias algumas são. Uma pergunta para a qual não sabia que procurava a resposta, mas que viria adicionar uma nova camada de profundidade à forma como percebo a minha realidade foi-me respondida pelo budismo: porque sofremos? Buddha respondeu a esta pergunta com o seu primeiro ensinamento, as quatro verdades nobres, que, parafraseando, dizem que: toda a existência é sofrimento; a causa do sofrimento é o desejo; e por fim, a eliminação do desejo leva à eliminação do sofrimento. Interpreto daqui que, quando desejamos algo, estamos a colocar o nosso estado psíquico-emocional nas mãos do destino, ou o nosso desejo se cumpre, ou não se cumpre, levando à nossa felicidade ou tristeza.

Retirar a subjetividade monocromática dos nossos pensamentos e ações, realmente agir em conformidade com o que sentimos e pensamos pode não ser totalmente possível, mas implementar

esta filosofia na base das minhas decisões tem ajudado a domar a turbulência de um pensamento jovem e com tantas dúvidas em relação ao universo e à vida.

O desfecho desta deambulação cai sobre uma das questões iniciais, porquê sofrer de amor por um mundo que não o vai reciprocitar? Penso que a resposta vem na forma de outra pergunta, porquê perder tempo a desejar que o mundo nos ame de volta?

Tiago Tojeira

Ritual do desportista e suas manifestações



Autor: João Sousa

Ritual do desportista e as suas manifestações

Quatro cansados sets passados, estamos no derradeiro, catorze a treze, e é na “negra” que o ritual do desportista começa. As minhas introspeções são longas e a temática das mesmas repete-se, mas os limites são maiores do que os dois metros e quarenta e três centímetros de rede que eu teria de transcender.

Vivo este jogo, por um instante apenas, mas vivo quem me vê, tensão no olhar da bancada e tensão de quem tenta adivinhar o olhar, um tempo é pedido e a ausência sai com o apito, oficialmente um tempo duraria os habituais sessenta segundos, mas o minuto não passava, o tempo parou, questiono-me, já devia ter percebido que o capitão deste jogo era mesmo a ansiedade. Nas minhas costas carrego o dever de fornecer um espetáculo, pena os jogos memoráveis serem limitados à sua incerteza, mas em mim arrasto os anos de treino de mão dada com a incerteza de não serem suficientes, mas se um espetáculo eu queria oferecer, se a excelência eu quero ter, porquê a dor de todos os possíveis desfechos? São manifestações da ansiedade. Gostava de conhecer a dor que me ocorre, controlá-la

e até mesmo manipulá-la, mas a mesma não se pronuncia, logo esta que não era real, então, por enquanto falo sozinho e sozinho eu estou, apesar de sozinho eu não realmente estar, pois enquanto a tormenta atormentar o único soldado serei eu, mano a mano contra quem sou e tudo aquilo que posso ser.

É de repente que ouço uma voz composta por emoções, mas, para mim, um grito de esperança.

Junção de palavras, soltas com emoção, que estruturadas deram origem à minha retoma ao jogo. Um simples e complexo desabafo, simples pela brevidade das palavras, complexa pela bravura de quem a diz. “Estou com medo de errar, estou nervoso, eu quero ganhar.”. Quem diria que afinal, por um instante, há quem lute também contra aquilo que é tudo, menos palpável.

A frase adormeceu quem gritava dentro de mim, e quem gritava calou-se quando percebeu que sozinho não estava, então a dor foi, eu prevaleci e o sentimento de competência voltou levando a um desfecho que posteriormente foi fantasiado, precisamente o desfecho no qual eu não vou falar, dispensei mais uma história de como se compra a glória com a desgraça, herdeira de uma vitória. Prefiro a eternidade da mensagem, o dia-a-dia da construção do atleta e o alcance da voz da esperança. A voz conseguiu chamar a ética. E o que é a ética? Muita coisa, e neste caso a ética foi pouca coisa, foi dita por diminutas palavras, foi a coragem na revelação. Nunca foi fácil, ninguém quer ser interpretado como frágil, mesmo havendo quem se perceba assim, mas quando mais ninguém percebe, a dor começa, o jogo vai para segundo plano, então o conflito interno ganha a prioridade, o propósito fundador oculta-se, é precisa então a mão amiga dar parte de si, sendo essa parte uma forma de alguém se relacionar. Afirmando então que a ética não foi nem será só as palavras trocadas, mas sim a humanidade que em torno delas volta e que em alguém tocou.

João Sousa



Viagem á villa mágica

por Diogo Leitão

Design by Margarida Francisco

Viagem à Vila Mágica

Era o Dia Mundial da Criança e a turma do João estava a visitar o Museu do Ar. Entre aviões do passado e do presente, todos eles com história na Força Aérea, o João, de repente, ouve um som estranho que lhe despertou a curiosidade. Afasta-se sorratamente do professor e dos colegas para investigar a origem daqueles estranhos ruídos que chamavam por ele.

Cuidadosamente, o João abriu uma porta azul, ignorando o grande cartaz que alertava "Não Entrar!" Já do outro lado, o João olha para uma enorme caixa sem perceber bem do que se trata, até que lê: "Máquina do Tempo da Força Aérea! Aqui podes viajar ao passado ou voar até ao futuro." Sem hesitar, vestiu o uniforme que estava numa cadeira e saltou para dentro daquela máquina...

Ao entrar na máquina, João pensa para onde vai e, no meio os seus pensamentos, está um que diz "Por que não ir ver os aviões no futuro?". Ao pensar nisto, o João tenta viajar para o ano de 2350, mas algo corre mal, a máquina começa a fazer barulhos estranhos e a deitar fumo mesmo antes de iniciar a viagem e leva o João para um outro universo. O João, ao sair da máquina, vê uma placa enorme que diz "Bem-vindo à Vila Mágica".

O João fica assustado, não sabe o que fazer nem como voltar para casa, não conhece nada, nem ninguém. Vendo que está perdido, o João começa a andar até à vila à procura de alguém que o ajude. No caminho até ao centro da vila o João passa por várias criaturas mágicas: fadas, ogres, centauros, animais falantes, gnomos e elfos. Uma destas criaturas vê o João e acha estranho, pois nunca tinha visto um ser humano na vida. Aproxima-se e pergunta o que ele é, de onde vem e o que faz na Vila Mágica. Esta criatura era uma fada, uma espécie de ser humano pequeno e voador, com o cabelo rosa e que solta pó mágicos sempre que voa.

Ao ver a fada, o João fica um pouco assustado, mas apresenta-se e explica de onde vem, que entrou numa máquina do tempo que o levou até ali e pergunta o nome da fada, ao que ela responde:

-Chamo-me Crystal. Nunca tinha visto um rapazinho como tu antes. Precisas de ajuda a voltar para casa?

-Sim, por favor. – diz o João, ainda um pouco assustado.

Crystal, ao reparar que o João está assustado, diz que ele não precisa de ter medo, pois todos ali são simpáticos e ninguém lhe faz mal, incluindo os ogres que tinham cara de maus. Crystal leva o João a conhecer a cidade. Leva-o a conhecer o parque onde se podiam ver as crias de todas as criaturas encantadas a brincar juntas e onde estava a filha da Crystal, com quem o João brinca um bocado. A filha da Crystal chama-se Ruby e diverte-se muito com o João, até o ensina a voar com a ajuda de outras fadas que espalham pó mágico em cima dele para que ele pudesse flutuar e depois ensinam o João a controlar a direção para onde voava.

Depois de brincar, o João começa a sentir saudades de casa e começa a chorar. Ao ver isto, Ruby vai até ele e pergunta o que se está a passar e o João responde:

-Tenho saudades de casa, este sítio é estranho. Quero voltar e não sei como fazê-lo, nem era suposto eu estar aqui.

Ao ouvir isto, a Ruby dá um abraço ao João e vai dizer à sua mãe que o João estava triste e queria voltar para casa. Crystal chama o João, dizendo que conhecia alguém que talvez o pudesse ajudar. Ao ouvir isto, o João limpa as lágrimas e vai com ela.

Algum tempo depois chegam a casa de um ogre que era mecânico e, depois de lhe explicarem o que aconteceu, ele diz que tinha acabado de construir uma máquina que pode viajar até ao universo do João e levá-lo exatamente até à sala do Museu do Ar onde ele encontrou a máquina do tempo. Ao ouvir isto, o João fica muito feliz, abraça a Crystal e a Ruby e pede ao ogre para o levar a casa. O ogre diz para ele entrar na máquina e envia-o para casa.

Na Terra, já sabiam o que o João fez e estavam todos muito preocupados. A sua mãe estava no Museu do Ar à procura do seu filho enquanto gritava o nome dele, com os olhos em lágrimas, em conjunto com o professor e os amigos do João. Ao chegar à sala da máquina, o João ouve dezenas de vozes a chamá-lo e sai da sala a correr, chocando contra a sua mãe, que o abraça, ainda com lágrimas nos olhos, e pede para ele nunca mais desaparecer assim porque a tinha deixado muito preocupada, a achar que já não o voltava a ver e diz para ele nunca mais mexer no que ele não deve e não sabe como funciona.

Diogo Leitão



O Futuro será mais livre

Maria Coutinho

O futuro será mais livre

Era o Dia Mundial da Criança e a turma da Leonor estava a visitar o Museu do Ar. Entre aviões do passado e do presente, todos eles com história na Força Aérea, a Leonor, de repente, ouviu um som estranho que lhe despertou a curiosidade. Afasta-se sorratamente do professor e dos colegas para investigar a origem daqueles estranhos ruídos que chamavam por ela. Cuidadosamente, a Leonor abriu uma porta azul, ignorando o grande cartaz que alertava "Não Entrar!" Já do outro lado, a Leonor olha para uma enorme caixa sem perceber bem do que se trata, até que lê: "Máquina do Tempo da Força Aérea! Aqui podes viajar ao passado ou voar até ao futuro." Sem hesitar, vestiu o uniforme que estava numa cadeira e saltou para dentro daquela máquina!

A viagem dentro da máquina foi um pouco turbulenta e, quando se formou o buraco de saída da máquina, Leonor caiu mesmo no chão. Quando se levantou, ficou encantada com tudo o que viu, era uma vila calma, sossegada e os únicos barulhos que se ouviam eram de risos e gargalhadas. De repente, duas meninas vão ter com Leonor.

- Olá! Estás perdida? – perguntou uma delas.

- Sim, acabei de chegar aqui!

- Não te preocupes, anda connosco, vamos apresentar-te aos nossos amigos! Eu sou a Jacinta e ela é a Madalena.

Lá foram então as três recentes amigas em direção a um grupo de pessoas que por ali andava. Quando lá chegaram, Leonor reparou que era tudo bastante diferente do que estava habituada: as crianças brincavam livremente na rua, tanto estavam felizes as raparigas a jogar futebol, como os rapazes cantavam e dançavam ao som das músicas da época, como se misturavam ambos e se divertiam entre si. A jovem Leonor ficou boquiaberta e logo quis conhecer todos.

- Então, Leonor, queres fazer o quê primeiro? – perguntou Madalena.

- Quero conhecer toda a gente! Isto é tudo muito diferente do sítio de onde vim. No meu tempo as brincadeiras ainda são divididas e mais destinadas para uns. Por exemplo, se estes rapazes lá estivessem a dançar, de certeza que iam ouvir alguns comentários menos bons.

- Que maldade! Nós aqui estamos a habituados a ser assim, cada um faz o que quer e brinca como quer, afinal, nada muda entre meninos e meninas, todos podem fazer as mesmas coisas. Vamos mostrar-te que as coisas são muito bonitas assim!

Neste momento, chega perto das três amigas um jovem rapaz.

- Olá! Eu sou o Lucas, és nova por aqui?

- Sim, sou. Vim numa máquina do tempo e, olha, parei aqui. – respondeu Leonor.

- Viajaste no tempo? Que bestial! Pensava que só era possível nos filmes. Vens do passado?

- Sim. E aqui que ano é?

- 2120. Vamos sentar-nos ali a conversar! Quero muito conhecer a tua história.

As crianças sentaram-se, em círculo, no jardim e apresentaram-se entre si.

- Leonor, como são as brincadeiras na tua época? – disse um rapaz.

- Bem, jogamos muitas vezes à apanhada, escondidas, coisas que todos gostamos de fazer.

- A Leonor diz que lá não é habitual os rapazes dançarem como vocês dançam. – disse Madalena.

- A sério? Que triste, eu adoro dançar! No fim de semana vou fazer uma atuação, devias vir ver! Eu e a Filipa fazemos uma dupla de ballet.

De repente, aparece outra rapariga que vem a correr até o grupo.

- Olá, pessoal!

- Olha, Sara, esta é a Leonor! Também veio do passado! – disse Jacinta.

- Meu Deus, que coincidência! Por que é que vieste?

- Fui curiosa, entrei num sítio que não devia e aqui estou. – respondeu Leonor.

- Aconteceu-me o mesmo! E agora não consigo voltar. Tenho saudades dos meus pais, mas quanto ao resto estou feliz, posso ser o que quero, sem pressões de ter de brincar com bonecas e não com carros, ter de vestir vestidos para ir a festas e não poder ir como quero. Como já deves ter visto, aqui podemos ser como melhor nos sentirmos!

- Já reparei, acho isso muito interessante. Quando chegar a casa vou contar à minha amiga Lara, ela quer muito ser lutadora de Karaté, mas não a deixam treinar, só há academia para rapazes. Ela ia adorar viver aqui!

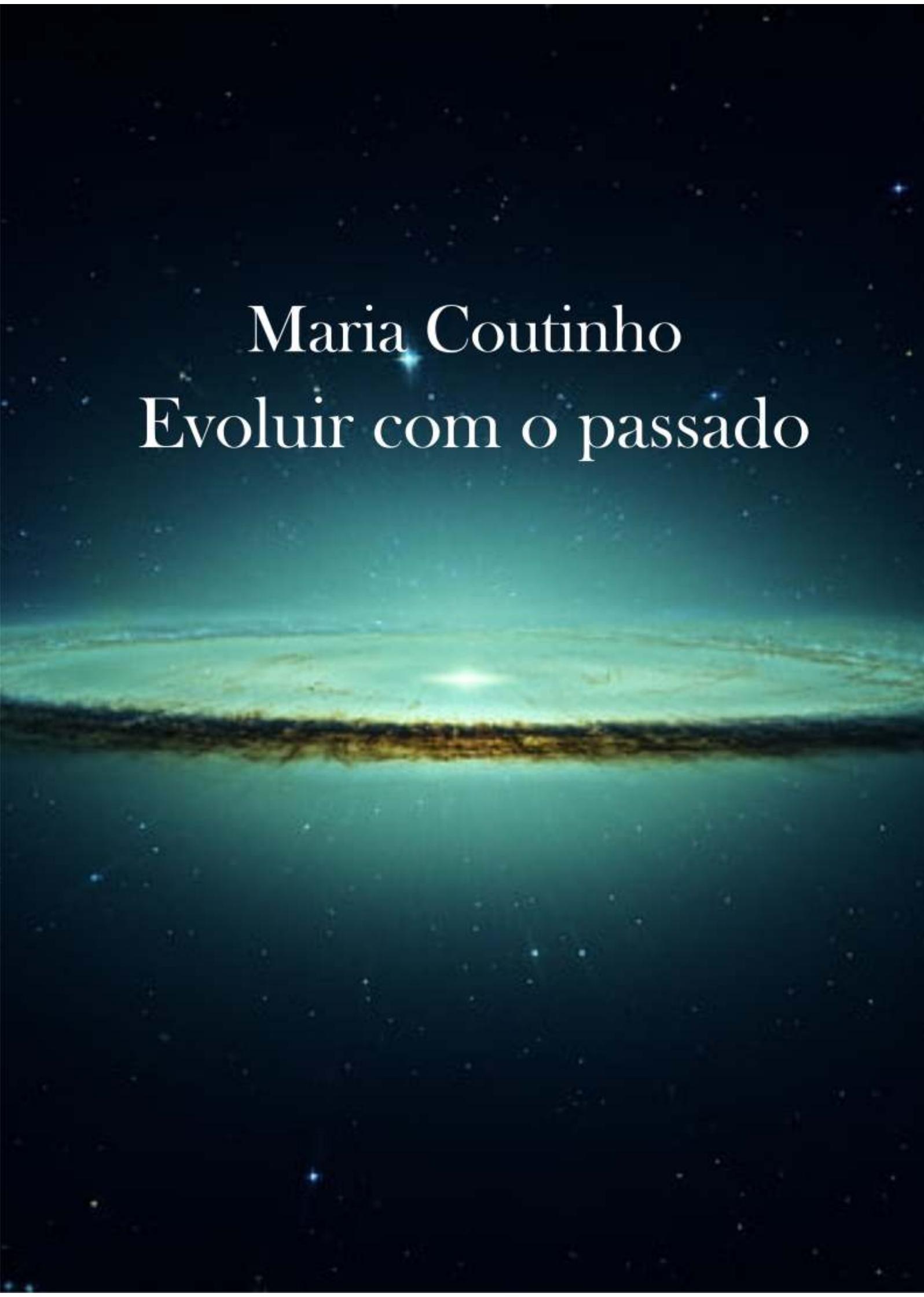
- Olha, achas que é possível voltarmos ao nosso tempo? Gostava de ver os meus pais, mas nem sei quanto tempo já passou/

- Claro que sim! Quando entrei, o cronómetro dizia que a minha viagem era só uma hora, por isso, espero que a máquina aqui apareça entretanto.

Nesse mesmo instante abriu-se uma espécie de porta mágica no ar, Leonor e Sara despediram-se dos amigos e entraram.

Numa das etapas da viagem as amigas separaram-se indo cada uma para o seu tempo. Por fim chegaram e perceberam que as horas eram as mesmas de quando tinham saído. Leonor ficou feliz por perceber que Sara ia voltar para os pais sem ter perdido tempo nenhum, Sara estava contente por saber que o mundo um dia ia ser mais livre.

Maria Coutinho



Maria Coutinho
Evoluir com o passado

Evoluir com o passado

Era o Dia Mundial da Criança e a turma do Duarte estava a visitar o Museu do Ar. Entre aviões do passado e do presente, todos eles com história na Força Aérea.

O Duarte, de repente, ouve um som estranho que lhe desperta a curiosidade. Afasta-se sorratamente do professor e dos colegas para investigar a origem daqueles estranhos ruídos que chamam por ele.

Cuidadosamente, abre uma porta azul, ignorando o grande cartaz que alerta: "Não Entrar!"

Já do outro lado, o Duarte olha para uma enorme caixa sem perceber bem do que se trata, até que lê:

"Máquina do Tempo da Força Aérea! Aqui podes viajar ao passado ou voar até ao futuro."

Sem hesitar, veste o uniforme que está numa cadeira e salta para dentro daquela máquina!

A viagem dentro da máquina foi rápida e em poucos instantes o Duarte chegou a um local desconhecido. Nunca tinha visto nada igual! Este sítio era diferente da terra de onde vinha. Estava no meio de um bosque, não conhecia nada em volta e não via ninguém. Por isso, resolveu começar a caminhar em busca de novas descobertas, até que, de repente, começou a ouvir barulho e a primeira coisa de que se lembrou foi esconder-se nuns arbustos que estavam ali perto.

Apareceram por ali uma rapariga e um rapaz que brincavam um com o outro. Ela tinha os olhos claros, pele branca e uns brilhantes cabelos loiros, ele tinha pele mais escura, cor de chocolate e os olhos da mesma cor, o seu cabelo era encaracolado, o que deixou Duarte fascinado.

Olhando para ambas as crianças, Duarte reparou numa grande diferença: ela usava roupas novas, bem arranjadas e ele tinha uma roupa mais suja e rota em alguns lados.

Neste tempo que ficou a admirar estas duas crianças, Duarte ficou bem quietinho atrás dos arbustos para não ser visto por ninguém, até que/ passou uma mosca que aterrou no seu nariz, o que fez o rapaz espirrar, chamando a atenção sobre si.

Os dois amigos pararam a brincadeira e a menina disse:

- Que barulho foi este?

Não sabendo o que tinha acontecido, o seu amigo encolheu os ombros e ambos olharam em volta para ver se percebiam de onde tinha vindo o barulho.

Nesta altura, Duarte percebeu que não podia estar escondido muito mais tempo e avançou:

- Olá! Eu sou o Duarte, fui eu que fiz o barulho/

- Olá! Eu sou a Francisca e ele é o Fernando. Por que estavas aí escondido?

- Eu sou novo aqui, cheguei através de uma máquina do tempo do futuro, tive medo quando ouvi barulho e escondi-me.

- Uau! Viajaste no tempo? Quem me dera ir ao futuro e poder ver se vou conseguir ser o que quero! – disse Fernando.

Neste instante ouviu-se uma voz de alguém que chamava Francisca.

A menina, logo que ouviu, chamou Fernando e Duarte, dizendo-lhes que tinham de fugir rapidamente, pois ainda os apanhavam e podiam fazer mal a Fernando. Correram um bocado e foram para dentro de uma casa que estava isolada no bosque.

- Porque tivemos que fugir? – perguntou Duarte.

- Era o meu avô que me estava a chamar, e ele não gosta que eu brinque com o Nando, diz coisas más sobre ele. Nunca percebi qual era o problema, mas há muita gente com a mesma opinião e que faz mal à família dele.

- As pessoas tratam-nos de forma diferente por não sermos de cá e por a nossa pele ser diferente.

- Oh, que atitude malvada! Os meus pais já me tinham falado disso! Racismo, acho que é esse o nome. Eu sou adotado, o meu pai é como tu e contou-me histórias assim também. Ele diz que as coisas estão melhores no tempo em que vivemos, mas que ainda têm que evoluir. Vais ver, Fernando, um dia toda a gente vai ser vista de igual forma e vamos ser todos mais felizes!

De repente, Duarte viu algo aparecer magicamente no bosque, era a máquina do tempo que o ia levar de novo ao futuro, o tempo de experiência era curto. Assim, despediu-se dos novos amigos, deu-lhes um abraço e sussurrou “Fernando:

- Prometo dizer a toda a gente que devemos ser iguais. Francisca, fico feliz por seres amiga dele e o respeitares sempre.

Entrou na máquina e rapidamente chegou ao seu tempo.

Quando chegou, percebeu que tinha estado no ano 1450, tempo em que em Portugal havia muita escravatura.

Despiu o fato que tinha e por minutos ficou triste pelo seu novo amigo, mas começou a correr ao encontro do grupo, pronto para contar a sua história.

Chegou à sala que visitavam e disse à professora que queria dizer algo aos amigos e que pedia desculpa por ter desaparecido, a máquina que viu tinha-o encantado:

- Amigos, quero dizer-vos para abraçarem o nosso amigo Gil, ele merece! Nunca falem mal dele; ele é como nós: somos todos iguais!

As crianças abraçaram o Gil e os adultos que ali estavam aplaudiram a atitude de Duarte.

Maria Coutinho

Nota: esta nossa aluna da Calazans foi premiada com o primeiro prémio no concurso promovido pela Força Aérea Portuguesa, “Cria e Voa Connosco”, no âmbito da comemoração do seu dia nacional.

Samuel Gil

Desde sempre



Desde sempre, gerações de seres humanos transmitiram o seu modo de viver através das formas tradicionais de expressão cultural. No entanto, na minha opinião, em anos recentes, temos vindo a observar uma extinção dos meios tradicionais de cultura.

Primeiramente, falemos do objeto que durante anos foi o maior promotor cultural da nossa sociedade: o livro. Com o aparecimento de inúmeras telas e formas de distração, que requerem apenas uma parte do nosso foco, tem-se tornado cada vez mais difícil ler um livro, que requer toda a nossa atenção. Temos, ao longo das últimas décadas, treinado a nossa população a optar por formas de pseudocultura que requerem pouco esforço em vez de lerem um livro. Todos nós já fomos exemplo disto: queremos ler um livro, mas é simplesmente mais fácil ficar no telemóvel, televisão ou computador. Assim, na minha opinião, o livro tem os seus dias contados, o que é uma perda para nós enquanto sociedade.

Em segundo lugar, também as formas de cultura mais baseadas em entretenimento estão a desaparecer. Com o crescimento da internet, a nossa população, a meu ver, tem cada vez mais optado por atividades superficiais e efémeras em detrimento de atividades realmente gratificantes e duradouras. Por exemplo, assistir a uma exposição é impensável para um jovem do século XXI. No entanto, ficar horas a fio em redes sociais é fácil. Deste tipo de cultura de entretenimento, os que têm sofrido menos são os concertos uma vez que não podem ainda ser substituídos pela internet.

Em suma, as formas tradicionais de expressão cultural enfrentam uma ameaça de extinção que se pode concretizar num futuro próximo.

Samuel Gil

Rafael Pires



Vivemos numa época em que as tecnologias se sucedem a um ritmo alucinante, e algo que hoje consideramos ser "de ponta" amanhã poderá estar desatualizado.

Se olharmos ao nosso redor, para dentro das nossas famílias, é possível observar que, por norma, as pessoas tendem a optar por receber atualizações diárias através do meio com o qual cresceram: os meus avós ainda leem o jornal e ouvem rádio, algo que os meus pais não fazem. Por sua vez, os meus pais ainda assistem ao telejornal diariamente, algo que eu não faço.

Significará isto que a morte dos meios de comunicação mais antigos é inevitável? Talvez, mas não precisa de assim o ser. Sou de opinião de que as pessoas necessitam de ser mais abertas à mudança, pois só assim se poderá continuar a alcançar a evolução.

Com isto dito, existe espaço mais do que suficiente para todos os meios de comunicação proliferarem, porém, para que isto aconteça, é necessário que a televisão, a rádio e os jornais parem de encarar a internet como um inimigo que ameaça fechar os seus negócios e que a comecem a ver como uma forma de complementar os seus serviços e chegar à população mais jovem.

Rafael Pires

Rafael Almeida



Ilustrado por Ismael Bento

A cultura e a maneira como contactamos com ela influenciam a nossa personalidade, maneira de ver o mundo e a forma como alteramos o mesmo. Assim sendo, esta tem um papel importantíssimo na sociedade e nos elementos que a integram.

A meu ver, todos os tipos de expressão cultural estão a sofrer uma forte metamorfose e a dissociar-se das suas formas tradicionais. É normal que, em primeira análise, esta mudança seja vista como um fim, no entanto deve ser compreendida como uma transformação ou renascimento. Um exemplo, no que toca à literatura, é o uso dos livros digitais, os famosos *E-books*, em detrimento do seu formato físico. Esta mudança de paradigma não tem passado despercebida, havendo empresas a criar os seus próprios e únicos *eReaders*, como a *Amazon* e o seu famoso *Kindle* ou a *Kobo* com o modelo *Kobo Nia*. Uma crítica comum a este novo hábito é a dificuldade em seguir o texto, porém ao fim de algum tempo isso deixa de ser algo significativo e o seu potencial começa realmente a ser notado, permitindo compras mais baratas do que seriam na loja e não obrigando a uma deslocação para se usufruir do produto.

Do mesmo modo, esta transformação é observável noutras áreas como na arte, seja essa pintura, escultura, música, etc. Tudo isto foi impulsionado, maioritariamente, pela pandemia, contudo existem vários pioneiros que surgiram antes de toda esta situação, alguns deles inclusivamente em Portugal. É o caso do Museu Calouste Gulbenkian, localizado no jardim da Fundação, que oferece uma visita virtual de 360 graus, permitindo conhecer as galerias da Coleção do Fundador e da Coleção Moderna, desde objetos do Antigo Egipto até às obras de Amadeo de Souza-Cardoso. Esta união entre o físico e o imaterial e entre o novo e o velho é um exemplo pleno da evolução das formas de expressão cultural.

Em suma, a transição que tem vindo a ocorrer foi acelerada pela pandemia, contudo permitiu-nos conhecer um mundo mais moderno e tecnológico e que, como seria esperado de um período evolutivo, traz muitas vantagens.

Rafael Almeida

Inês Santos



Como sempre aconteceu ao longo da história, a cultura e as suas formas de expressão foram-se continuamente adaptando às mudanças da sociedade em que estão inseridas. Por isso, considero que as formas tradicionais de expressão cultural não estão em ameaça de extinção, mas sim num processo de mudança.

Ora, da mesma forma que no passado os povos indígenas nativos dos Estados Unidos tinham rituais, tradições e formas de vestir que, com o passar do tempo, se foram transformando e adaptando às mudanças da sociedade, também as nossas formas tradicionais de expressão cultural se vão ter de adaptar. Por exemplo, os livros. Agora, com a possibilidade de comprar livros para ler no computador, e não em papel, muitas pessoas decidiram optar por esta via mais fácil, apesar de haver algumas que ainda preferem ler da forma tradicional. Este é o exemplo perfeito de como a essência desta forma tradicional de expressão cultural não se vai extinguir, mas sim adaptar-se à nova realidade.

Ao falarmos de outras formas tradicionais de expressão cultural, como o cinema, o teatro, as exposições e os concertos, creio que estas irão sofrer uma mudança temporária, ou até mesmo serão postas “em pausa”. Devido às condições atuais de pandemia, as quais nos obrigaram a adotar novos hábitos sociais de convivência, como o distanciamento, ou até mesmo, o isolamento, tivemos de descartar temporariamente atividades que pusessem em causa o cumprimento destas novas regras. Atualmente, é impensável um cenário de concerto com o pavilhão cheio, um festival de verão completamente lotado. Essas são então algumas das atividades que foram postas “em pausa”. !gora, o caso do cinema, do teatro, ou das exposições, ainda têm a possibilidade de ser realizáveis, mas com as medidas de distanciamento devidas e o uso de máscara.

Concluindo, eu considero que as formas tradicionais de expressão cultural estão a passar por um processo de mudança e de adaptação à sociedade atual, quer seja pela evolução tecnológica, quer pela implementação de novos hábitos de higiene e de distanciamento.

Inês Santos

Expressão Cultural

Ema Santos Paulo



Com o decorrer do tempo, a expressão cultural tem-se alterado, fruto da evolução das sociedades, mas também devido aos avanços tecnológicos. Na minha opinião, a cultura e o seu modo de expressão estão, constante e inevitavelmente, num processo de mudança.

Em primeiro lugar, a cultura, por ser um aspeto exclusivamente humano, molda-se às nossas necessidades e interesses. Exemplo disso é a música e os espetáculos a ela associados. Enquanto antigamente a música clássica era a mais popular, e existiam grandes concertos de orquestra para a divulgar e apreciar, atualmente a música “pop” é a mais ouvida e é transmitida em moldes tecnológicos, podendo ser usufruída em qualquer lugar. Assim, a evolução cultural e social das sociedades é acompanhada com mudanças na expressão da mesma.

Por outro lado, a tecnologia é, também, um fator evolutivo de grande importância. Basta lembrar a invenção do cinema, nos finais do século XIX, que impulsionou a criação de uma das maiores indústrias de entretenimento. No entanto, as idas ao cinema estão, devido à situação pandémica atual, limitadas e, por isso, existem outras plataformas e aplicações onde se pode assistir a filmes, mas no conforto das nossas casas. Esta mudança exigiu uma adaptação pela parte dos distribuidores e por parte dos consumidores.

Em suma, a expressão cultural sofreu, e ainda sofre, várias alterações que são, não só naturais, como também uma oportunidade única de exploração dos nossos meios e da nossa capacidade empreendedora.

Ema Santos Paulo

Segunda Parte

Em Busca de Pessoa's

Bruno Mioto

O Reencontro

Ilustrado por João Jordão



O Reencontro

Após a partida de Ricardo Reis, Lídia sente-se triste e abandonada. Para ela, este desaparecimento repentino não faz sentido. O seu estado psicológico tem vindo a piorar dia após dia. Embora ainda exista alguma esperança no coração de Lídia, esta, diariamente, vai desaparecendo. Ela passa todos os dias por casa de Ricardo Reis, mas nunca há sinais de movimento nem notícias da vizinhança.

Passadas algumas semanas, Lídia só pensa no pior. Para ela, se Ricardo Reis ainda não deu notícias, nunca mais as voltará a dar, culpa-se a ela própria. Pobre Lídia! Primeiro o irmão e, agora, Ricardo. Na sua cabeça, ambos os homens da sua vida tiveram o mesmo destino. Enquanto estes pensamentos negros passam pela cabeça de Lídia, esta encontra-se sentada em frente ao Adamastor, ao pé da casa do doutor. Sente-se destroçada e pondera ter um destino semelhante. Chega à conclusão de que não vale a pena continuar a sofrer, uma vez que aqueles que mais ama desapareceram de um momento para o outro.

Ao levantar-se do banco do jardim, volta a olhar para a residência de Ricardo Reis e, desta vez, repara que a porta se encontra entreaberta. De um momento para o outro, parece que toda a vontade de viver reentra no corpo de Lídia e esta desata a correr para dentro da casa. Abre a porta e a primeira imagem que tem é a de Ricardo Reis deitado no chão, com um intenso cheiro a álcool e a suor. Ela pega nele e deita-o no sofá, prepara-lhe uma refeição quente e aguarda que ele acorde. Passado algum tempo, Ricardo Reis finalmente acorda:

- Lídia? O que é que fazes aqui?

- Pensei nunca mais voltar a vê-lo/ O que é que se passou? Primeiro, o meu irmão, agora o senhor doutor?

- Eu precisei de algum tempo sozinho, só eu, a minha mente e o meu corpo. Apenas isso.

- Como é que foi capaz de desaparecer assim sem avisar? Foram os tempos mais assustadores e tristes da minha vida! Cheguei a pensar que se tinha encontrado com o meu irmão/

- Calma, Lídia, eu sei que não agi corretamente, ainda por cima numa altura tão complicada da tua vida, perdeste o teu irmão e tens que carregar um filho nosso sozinha.

- Por favor, não volte a desaparecer assim, não sei se aguento passar por este sofrimento novamente. Eu preciso de si.

- Não te posso garantir nada, como sabes, eu sou um homem sem rumo, não me costumo relacionar com pessoas. Normalmente, vivo a vida mais como um espetador do mundo.

- Vamos mudar isso então. A partir de agora iremos viver a vida juntos, vamos para longe daqui e recomeçar as nossas vidas/ juntos!

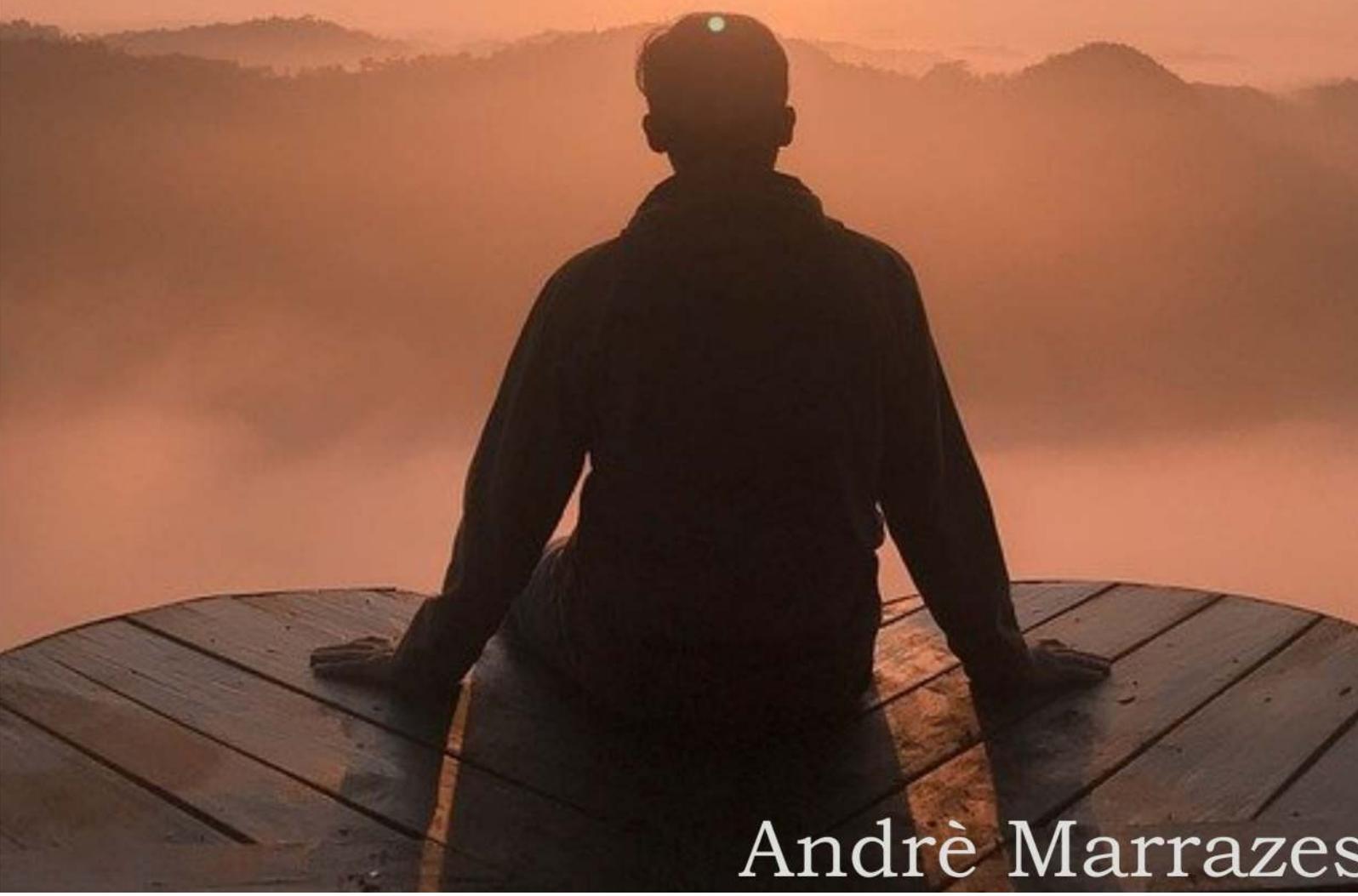
- Então e a tua mãe? Tens mesmo a certeza de que queres fazer isso?

- Nunca estive tão certa em toda a minha vida!

E assim foi, da mesma maneira que apareceu em Portugal, Ricardo Reis nunca mais foi visto, juntamente com Lídia. Não se sabe para onde foram, mas uma coisa é certa, Lídia conseguiu mudar a maneira de viver e de perceber o mundo por parte de Ricardo Reis. Diz-se que foram vistos a embarcar num barco, em Lisboa, e a partir daqui cabe a cada um de nós imaginar até onde o amor acabou por levar esta empregada e este doutor, ligados por um filho e separados por um Portugal sem liberdade e parado no tempo.

Bruno Miroto

EU, PESSOA



Andrè Marrazes

Eu, Pessoa

Já todos, quer nas escolas, quer nos livros, ouvimos falar de Fernando Pessoa enquanto ortónimo e dos seus mais conhecidos heterónimos, como Álvaro de Campos, sem esquecer, Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Mas a verdadeira questão é quem, deste universo pessoano, eu escolheria ser?

Por um lado, Pessoa ortónimo tem a capacidade de intelectualizar os seus sentimentos, isto é, através das emoções que experienciou, e utilizando a razão e o pensamento, consegue transformá-las e colocá-las nos seus mais variados poemas, adquirindo estas um novo significado, pelo que é, devido a esta habilidade, considerado um fingidor. Um bom exemplo encontra-se no poema “Isto” em que este poeta refere que sente com a imaginação, ou seja, as emoções que este regista são o produto de um ato racional, referindo que a sua obra é sincera, refutando a opinião dos que julgam que mente ou finge.

Por outro lado, uma das características temáticas de Fernando Pessoa ortónimo é a dor de pensar, ou seja, reconhece que é excessivamente racional, não conseguindo expressar-se de outra forma que não através do raciocínio, pelo que se encontra em constante agonia, desejando, por vezes, ser inconsciente e, conseqüentemente, feliz. Tomemos, agora, como exemplo o poema “Ela canta, pobre ceifeira” no qual o poeta deseja que o cantar da ceifeira o liberte do seu excesso de racionalidade e, por sua vez, da sua mágoa, pelo que, assim, lhe seria possível vivenciar as emoções com simplicidade e naturalidade.

Em suma, Pessoa ortónimo, para além de racionalizar os seus sentimentos, também, anseia pela simplicidade. Assim, na minha opinião, a voz de Pessoa que mais se assemelha ao meu ser é a de Fernando Pessoa ortónimo, uma vez que não só racionalizo demasiado os meus sentimentos e emoções, como também, por vezes, gostaria de não estar sempre a pensar, evitando controlar as mais diversas variáveis do que me rodeia, sendo que, também, desejo alguma simplicidade, tal como este ortónimo.

André Marrazes

Ruben N°18 1°N



Guilherme Alves

Pessoa(s) e as suas vozes

Pessoa(s) e as suas vozes

Quem eu escolheria ser? O hiper-racional fragmentado? O guardador de rebanhos inexistentes? O louco antissocial? O Epicurista estoico?

Pessoa ortónimo ou heterónimo,
Qual deles escolheria ser?
De Ricardo Reis a Álvaro de Campos,
Em qual deles me conseguiria ver?

O hiper-racional fragmentado,
O poeta enquanto fingidor.
Irão a partir da teoria do fingimento,
Sentir e perceber a dimensão da minha dor?

Alberto Caeiro, o heterónimo,
Não sei se é sonho, se realidade,
Guardador de rebanhos inexistentes,
A Natureza é a sua única verdade.

O louco antissocial, consciente do tempo e de si mesmo.
Poeta das modernidades e tecnologias,
Junto de uma enorme angústia e cansaço.
Passarão a ser parte de mim as suas ideologias?

Ponderar no Epicurista Estoico,
Vida tranquila e prazer moderado,
Abdicar de compromissos sérios e emoções,
E continuar ainda assim perturbado.

Depois de muita imaginação e reflexão,
Matutar em qual personalidade escolher.
Acredito que Ricardo Reis seria o ideal,
A minha vida uma Ataraxia ia ser.

Rejeitar emoções e sentimentos intensos,
Aceitar o destino e a passagem do tempo.
Iria a minha mentalidade ser beneficiada?
Pode ser apenas mais um contratempo.

Aqui está a resposta à pergunta que me foi colocada.
Escolhi o heterónimo Estoico e Epicurista.
Acredito agora na superioridade e no poder do destino.
Foi uma boa escolha ou fui um enorme egoísta?

Venha velejar comigo,

Reis, pelo rio

ilustrado por
Tiago Vieira



Venha velejar comigo, Reis, pelo rio

Venha velejar comigo, Reis, pelo rio,
Vivendo intensamente a jornada.
Se procuramos um destino já declamado,
Que não seja para estar parado.

Fica à margem, vendo todos velejar,
A tentar fugir da emoção com ataraxia.
Pensa que o melhor é aí ficar,
Mas não é uma exemplar filosofia.

Do destino pensa ser refém,
Mas que destino pensa ter?
Para lá do mar não há ninguém,
Que o possa, dessa forma, conter.

Fique comigo, então, de mãos enlaçadas
Procuremos uma nova e brilhante sina.
As suas reflexões são águas passadas,
A arte do viver não se ensina.

Amemo-nos arduamente, velejemos enquanto der,
Em tempestades ou céu aberto, o nosso rumo seguiremos.
Pouco vale esperar a morte e evitar sofrer,
Da simplicidade, juntos, viveremos.

Nenhum Deus destinou o nosso amor,
A semente que carrego é a prova disso.
Esta nossa ligação originará uma flor,
Assuma comigo este compromisso.

Quando o nosso rio chegar ao fim,
E o barqueiro sombrio nos levar,
Serei mais uma flor no teu jardim,
E lá te continuarei a amar.

Pedro Alexandre

Nuno Lopes

TEXTO POÉTICO

João Martins
Rúben Francisco
Ilustrado por Ismael Bento



Texto poético

Por onde andas Ricardo Reis?
Não vale a pena seres um espetador do mundo!
Sempre a vaguear de hotéis em hotéis,
Como um mero vagabundo.

Não passas de um fantasma,
Sem rumo certo, apenas andas por aí.
A minha presença não te entusiasma,
Apesar dos momentos que contigo vivi.

Não tiveste coragem para ficar.
Fugiste à tua única responsabilidade.
Entre nós ainda havia muito para contar!
Mas parece que vivias noutra realidade.

Por que não quiseste ficar na terra?
Nada fizeste para melhorar a situação.
Por isso a nossa história se encerra
E termina a nossa relação.

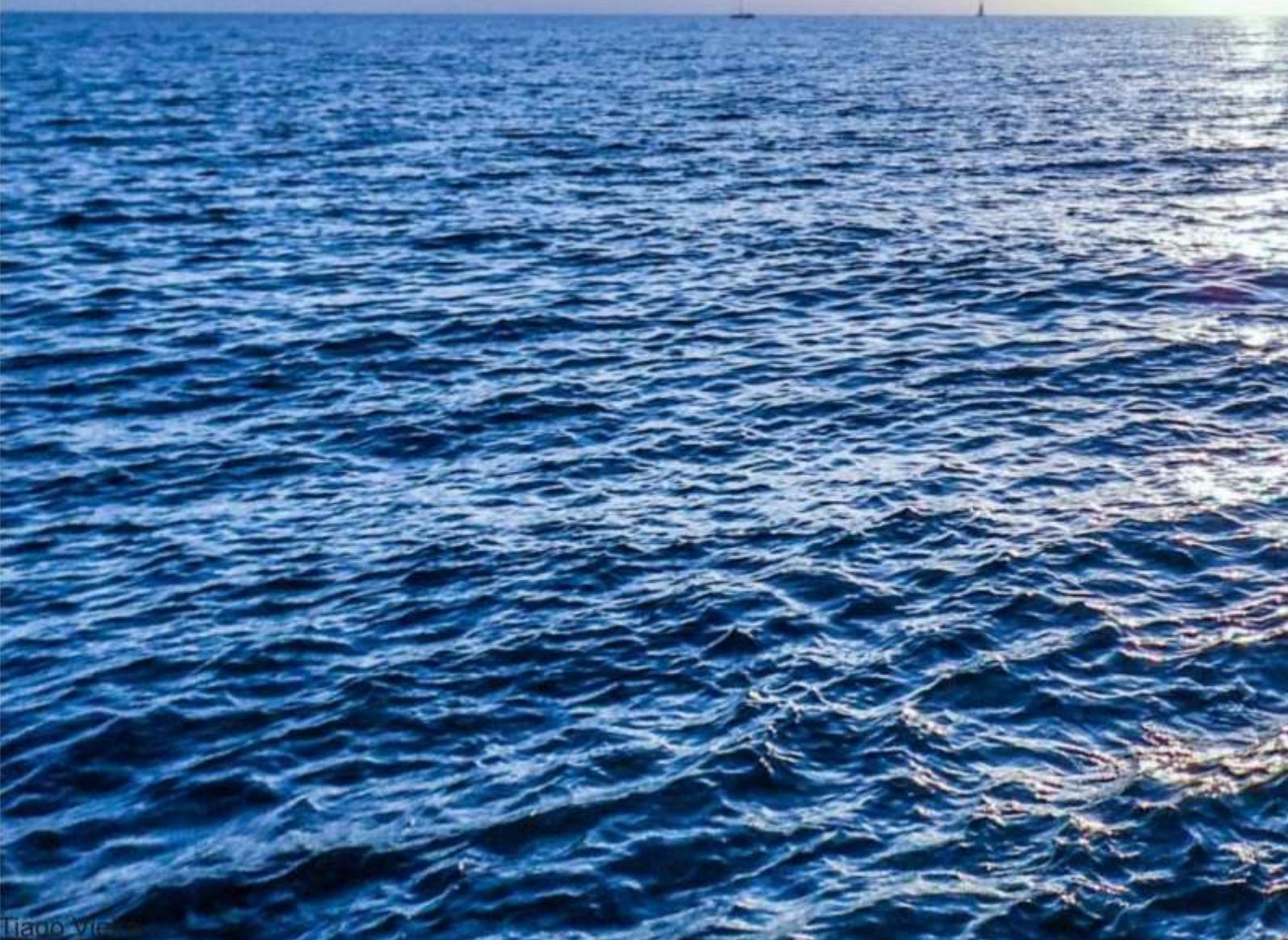
João Martins
Rúben Francisco

Terceira Parte

Viajando em Asas de Sonhos

O Mar

Ariana Roque



O mar

Oh mar de águas profundas
De azul-esverdeado,
Meu coração inundas
Com as mágoas do passado.

Não me lembres da dor
Dos amores do passado
Imploro-te por favor,
Oh meu mar gelado.

Ariana Roque

Sala de aula

Jéssica Lemos



Sala de Aula

Entrei na sala e não havia
ninguém lá.
nem uma alma,
nem poeira,
nem um amigo para conversar.

Das outras turmas eu
consegua ouvir...
as piadas,
as risadas,
as conquistas,
o ir e vir...

Mas a minha?
silenciosa,
vazia.

Todas as mesas iguais
e sem ninguém.
O quadro em branco,
e eu parada sem olhar a quem.

Sentei-me,
assustada a contemplar tudo,
fechei os olhos,
e a sala era a minha vida.

As mesas, os dias repetitivos
que pareciam sem fim.
O quadro, o futuro que
ainda não planeei para mim.

Em suma,
uma sala,
sem turma.

À espera do dia em que
novas crianças se vão sentar,
um aluno travesso vai brincar.

À espera do dia de
voltar às aulas.
De voltar à vida...



A Primavera

Designer: Francisco Almeida

Autor: Adriana Morgado

Primavera

Eu queria ser a primavera

ter a sua beleza,

ter o seu perfume,

ter a sua força!

Ter a pele macia como as pétalas de rosa,

ter os cabelos lindos como árvores em flor,

ter o olhar ardente como o sol,

ter o corpo ondulante como o mar,

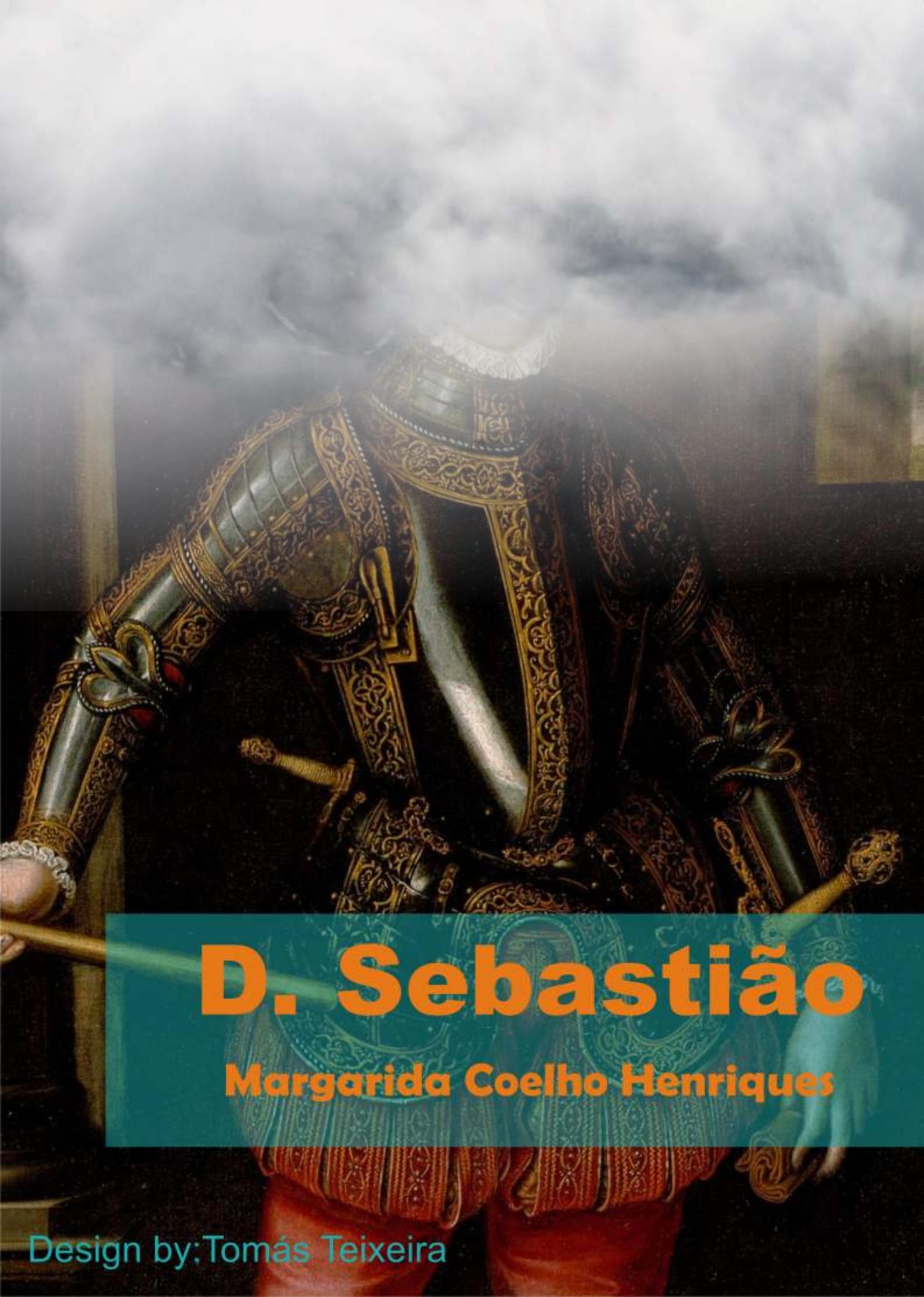
e ter a pureza das águas das fontes.

!i, primavera/

como eu desejava ser como tu/

e renovar-me todos os anos como tu.

Adriana Morgado



D. Sebastião

Margarida Coelho Henriques

Design by: Tomás Teixeira

D. Sebastião

Naquele dia tínhamos a estratégia perfeita, lutámos com todas as nossas forças, mas não foi suficiente. Derrotados no norte de África, em Alcácer-Quibir. Uma desgraça, mortes, feridos e desaparecidos/

Mas deixem-me contar-vos o que na verdade aconteceu naquela manhã de nevoeiro.

O último momento que me ficou na memória do dia da batalha foi uma valente queda do cavalo, no meio de tanta agitação senti o meu corpo ser arrastado. Alguém me puxava pelos braços, um homem. Acordei desorientado, numa qualquer cela, deitado no chão, não sabia quantos dias tinham passado nem onde estava. Assim que me sentiram desperto, apareceram dois homens, bastante mais corpulentos do que eu, e olharam-me com desprezo.

- Onde estou? - perguntei.

- Não precisa de saber. Vamos chamar o mestre. - disse um deles com um tom apático.

Momentos mais tarde surgiu o mestre, Omar, o senhor que tinha aprontado uma estratégia para tirar D. Sebastião do campo de batalha e deixá-lo até à morte numa masmorra. Isto como resultado de uma pequena aliança com os espanhóis, na tentativa de estes conquistarem Portugal, em troca de uma grande quantia de ouro, que permitiria a Omar sustentar a filha, Aisha, de apenas 14 anos. Ele assim o fez.

Fiquei naquele sítio frio, húmido e sem janelas durante tempo a mais para ser memorizado, e não mantive contacto com mais ninguém a não ser com o mestre e um dos seus criados, que me levava pão e água duas vezes ao dia.

O único dia em que vi a luz do sol foi quando alguém abriu o grande portão de madeira que se encontrava ao fundo deste corredor onde passei os últimos anos. Vi entrar criadas com comida e decorações, falavam da festa para os 20 anos da menina Aisha, como de costume lhe chamavam, elas viram-me a mim, e pelo seu ar de espanto suponho que não soubessem que eu ali me encontrava. Como todas as criadas, estas também espalharam a notícia, ficando-se a saber nas redondezas que Omar tinha feito um refém na batalha, e o mantivera escondido durante todo este tempo.

Era de esperar que Aisha viesse a saber, e assim aconteceu. Ouvia-se uma discussão ao longe.

- Perdi todo o respeito que tinha por si. - Protestou uma voz feminina.

- Foi um mal necessário, se não fosse pelos espanhóis não terias a vida que tens hoje! - Gritou Omar.

Não houve festa, ou pelos menos não se deu por qualquer movimentação estranha na grande fortaleza.

No dia seguinte, a curiosidade ou somente a vontade de confirmar o que as criadas sussurravam umas às outras levou Aisha a dirigir-se aos corredores a oeste, onde nunca tinha entrado e se encontravam as celas de que todos falavam. Percebeu rapidamente que o homem que a criou e lhe deu educação afinal era um homem cruel, sem princípios. Viu-me. Olhou para mim com um enorme desgosto, não por eu estar ali, mas por tudo o que diziam ser mesmo verdade. Puxou um pequeno banco de madeira, velho, e sentou-se de frente para mim. Disse-me onde estávamos, não muito longe do sítio onde decorreu a batalha, se o meu povo me tivesse procurado no sítio certo ter-me-ia encontrado.

- Descobri hoje que aqui se encontrava, quem é o senhor? - Disse com uma voz meiga.

- Ninguém, outrora D. Sebastião I, rei de Portugal, agora rei de nada, talvez até já dado como morto.

- Vou tirá-lo daqui.

Tentei convencer a jovem de que seria uma tarefa impossível, que eu mesmo já tinha tentado sair, e que agora, devido à dispersão dos rumores, iria ter vigilância reforçada por se saber por toda a aldeia do meu paradeiro.

- O meu pai pensa em executá-lo amanhã de madrugada.

Depois de tanto tempo fechado, nunca me tinham falado em morte. Talvez por Omar não ser um homem tão cruel como agora demonstrava. Mas ia certamente fazê-lo, matar-me. Era preferível ter morrido no campo de batalha, pelo menos assim morreria como um herói.

Depois de sentir a falta da filha durante algum tempo, Omar ordena que a procurem, entretanto entram dois homens, os mesmos do dia em que aqui acordei, um deles pega nela pelo braço, e ela vai sem protestar, não disse uma palavra.

Nessa noite não dormi, não sei se por causa do medo ou da esperança que depositei nas palavras da jovem rapariga.

Ela manteve a sua palavra, chegou vagarosamente por volta da meia noite, até hoje não sei como foi capaz de passar os guardas e lhes tirar a chave da cela. Porém, Aisha conseguiu.

Sáímos, sem ninguém dar por nada, não pelo portão grande ao fundo do corredor, mas por uma porta pequena que dava para as traseiras da casa. Corremos, mas já nos seguiam os dois fiéis ajudantes de Omar. Contudo, não nos alcançaram, vinham a pé, e a menina tinha um cavalo pronto a tirar-me de lá.

- Vou consigo.

E sem mais uma palavra subiu para o cavalo.

- Tem a certeza, menina? Deixa a sua família para trás?

- Não tenho família aqui, só aquele homem que diz ser meu pai.

- Não é seu pai?

- Não.

A falecida esposa de Omar tinha acolhido a menina em pequena, após o falecimento dos seus pais. Mas a senhora morreu, deixando a menina aos cargos deste homem duro e insensível.

Fugimos os dois, nunca mais avistámos os homens de Omar, mas ficámos com receio que nos encontrassem, então cavalgámos durante dias e noites até chegarmos a Ceuta. Ficámos por ali, onde Aisha tinha parentes que nos providenciaram um teto.

Recomeçámos a nossa vida nessa mesma cidade, casámos, arranjámos um lar e tivemos dois filhos. Ainda não senti a necessidade de voltar para o meu país, com uma vida tão comedida e firme aqui, ao lado de uma mulher que me salvou sem sequer me conhecer, e de uma família que ambos construímos.

Espero a certo ponto ter a oportunidade de levar os meus rapazes a Portugal. Um dia voltarei ao lugar onde nasci.

Margarida Coelho Henriques

Letícia Santos



Edward Sparrow nadava contra as correntes revoltadas do mar, ele tinha de encontrar Jack antes que fosse tarde para Ondina.

Horas antes, navegavam pelos mares do Norte os marinheiros mais corajosos dos sete mares, estes percorriam o oceano no “Profunda Perdição” o seu enorme navio pirata, nele eles saquearam vários navios de riquezas e mercadorias, haviam descoberto vários tesouros e agora eles iam à procura da Pedra dos Corais, uma pedra rara que segundo a lenda irá dar ao seu dono poderes inimagináveis.

Liderando esta trupe de piratas, estava o Capitão Edward Sparrow, o mais corajoso e inteligente pirata alguma vez existente. Agora eles estavam a passar por um recife de coral quando ouviram uma canção harmoniosa. Os piratas tremeram de medo, eram sereias, segundo as lendas uma melodia delas e os marinheiros eram hipnotizados.

Edward rapidamente pegou na sua rede e atirou-a ao mar na esperança de capturar a sereia que estaria a tentar acabar com eles. Não sei se foi o destino que permitiu o seu sucesso ou se foi pura sorte, o capitão ergueu a rede e colocou a sereia dentro de seu navio, tirou-a de dentro da rede e admirou-a por um segundo, era verdade o que diziam, as sereias tinham uma beleza incrível.

Edward calmamente perguntou o nome da rapariga, ela, por sua vez, com medo de a magoarem não respondeu. O capitão percebeu o medo da sereia e prometeu que não lhe iria fazer mal. Então ela disse-lhe que o seu nome era Ondina, e que ela estava apenas a tentar proteger a sua casa, pois as sereias tinham um enorme medo de piratas e por isso elas cantavam para os assustar.

O capitão da “Profunda Perdição” perguntou-lhe se eles estavam no caminho certo para encontrar a Pedra. Ondina ficou pálida; era óbvio que sabia de alguma coisa. Edward pediu para a tripulação continuar com o trabalho e pediu para o seu imediato Jack calcular a rota e cuidar do leme. Todos obedeceram às ordens do seu capitão, Edward gentilmente levou a Ondina para a sua sala. Ele tratou-a de um modo estranhamente gentil para um pirata. A sereia estava confusa; ela sempre ouvira as histórias de como os piratas eram cruéis e como destruíam os lares da sua espécie.

Ela perguntou a Edward sobre as suas intenções. Ele estava a começar a corar um bocado, mas ele respondeu bastante calmo que não queria fazer-lhe mal; só queria que ela dissesse o porquê de ter ficado aterrorizada quando ouviu falar na pedra.

A bela sereia ficou calada por um tempo, fitando-o com os olhos. A sua mente dizia para não confiar nele, porém o coração falou mais alto e decidiu que ele era de confiança e contou-lhe a história daquele tesouro. As histórias que elas tinham ouvido eram só uma fachada para encobrir o estrago que a pedra poderia provocar, o feiticeiro que a criou escondeu-a no fundo do recife, e inventou aquelas histórias para que a pessoa que encontrasse a pedra despertasse um monstro marinho criado junto com a pedra, que assim que acordasse do seu sono iria destruir tudo o que cruzasse o seu caminho/ Por isso as sereias afundavam os navios piratas que tentavam chegar á pedra/ elas estavam apenas a tentar salvar a sua casa de uma possível destruição.

Edward ficou em choque. Depressa ele dirigiu-se ao convés e gritou para os homens pararem o que estavam a fazer. O capitão contou-lhes tudo o que ouvira e pediu para que saíssem dali depressa. E mandou que chamassem o imediato, porém ele não se encontrava no navio, tinha

deixado apenas um pergaminho onde dizia estar farto de ser apenas um simples servo do capitão, e que havia ido á procura da Pedra sozinho para se tornar o marinheiro mais poderoso dos sete mares.

De repente o céu limpo do mês de maio começou a ficar cada vez mais nublado, o mar estava a borbulhar. Algo se ergueu das profundezas. Um monstro marinho apareceu e criou uma ondulação tão grande que alguns homens se desequilibraram e caíram do barco.

Assim que o viu, Ondina tentou pular no mar para tentar avisar as outras sereias para que pudessem tentar trazer a fera para as profundezas de novo. Mas assim que tentou, o monstro agarrou-a com os seus tentáculos enormes. Ondina começou a gritar de desespero, mas a fera apertava-a cada vez mais em seus braços.

Edward sabia que tinha de fazer algo depressa, ordenou aos seus companheiros que disparassem os canhões contra a besta, mas os canhões não fizeram efeito. Tentaram usar as espadas e as flexas, mas a pele do monstro era muito difícil de penetrar.

Foi então que Edward teve uma ideia bastante arriscada. Ele pensou que se encontrasse o seu Imediato e destruísse a pedra, o monstro automaticamente voltaria para as profundezas e lá seria destruído por magia.

Edward saltou para a água e mergulhou naquele oceano revoltado. Nadou durante algum tempo até encontrar uma gruta. Quando entrou viu o seu Imediato revoltado por não ter conseguido adquirir os poderes que tanto ansiava.

Jack estava fora de controle e, no instante que viu o seu ex-capitão, agarrou na sua espada e tentou acabar com Edward de uma vez por todas, para assim se tornar dono da sua tripulação.

Edward não queria magoar Jack, apenas queria destruir a pedra, mas se ele não conseguisse desarmá-lo, não conseguiria salvar Ondina do monstro. Foi então que ele deu um golpe de espada tão forte que conseguiu fazer Jack tropeçar e largar a pedra a seus pés.

O capitão agarrou na relíquia e atirou-a contra a parede da gruta, partindo-a em mil bocados.

Feliz por ter conseguido realizar a sua missão, rapidamente saiu da gruta e nadou até á superfície, onde encontrou a sua tripulação aflita, pois achavam que o seu capitão não tinha conseguido escapar/

Ao verem que ele estava bem, pularam de alegria e comemoraram a sua volta, Ondina também estava com eles feliz por aquilo ter acabado e a pedra não ser mais uma ameaça.

Edward pediu que Ondina viesse com ele, explorar a Terra, viver imensas aventuras/

Ela hesitou, mas acabou por aceitar, pois aquele oceano não lhe reservava nada de novo. Ondina queria estar com ele onde ele estivesse.

Então os marinheiros prepararam tudo e partiram em busca de novos tesouros para procurarem e novas aventuras e para viverem afinal a vida de um pirata.

E as suas aventuras não terminaram tão cedo.

ENCONTRO IMPROVÁVEL

Ema Santos

Henrique Morgado



Encontro improvável

Nenhum de nós alguma vez pensaria que aquela manhã ficaria marcada indelevelmente em cada uma das nossas vidas. Eram apenas umas férias e, apesar de sermos dois jovens na flor da idade que adoram ação e aventura, tínhamos planeado só descanso e divertimento.

A manhã convidava a areia e banhos de sol, e lá fomos nós, chapéu debaixo do braço, usufruir do merecido descanso, depois de um ano letivo entre confinamento e liberdade, a braços com aulas presenciais e ensino a distância e a aprender a viver condicionados por dentro e por fora.

As férias que mais nos pareciam uma utopia estavam agora à nossa frente e um manancial de expectativas passavam nas nossas mentes/

Estávamos a esticar as nossas toalhas no extenso areal de Miami. O sol começava a fazer sentir-se na nossa pele desabituada ao calor e, eis que à nossa frente se materializa um dos nossos heróis preferidos, ainda que num primeiro momento não o tenhamos reconhecido. Horatio Caine era alto, de estatura magra, cabelos e olhos claros, de rosto marcado por algumas rugas, que lhe conferiam autoridade e experiência de vida.

Já a ficar azul, num ataque de tosse, estava o protagonista de uma série por nós muito conhecida, a engasgar-se num pedaço de pão.

O Henrique levantou-se em direção ao homem e eu, atenta, segui-o, visualizei a aflição, e apliquei a manobra de Heimlich nas costas do Horatio, tendo este cuspid o malgrado papo seco.

Quando finalmente recuperou o fôlego, este desfez-se em agradecimentos porque lhe salvámos a vida e, para nossa surpresa, dispara:

- Gostaria de vos convidar a participar num dos episódios da série que estou a gravar. O que dizem?

Atónitos, retorquimos, olhando um para o outro:

- Porque não?

A conversa fluiu e o tempo passou despercebidamente, e tanto eu como a minha parceira de aventura estávamos radiantes por perceber, após uma longa conversa com o Horácio, que ele não é um herói apenas na televisão, mas também na vida real.

Depois de o ouvir, ambos ficámos com vontade de mudar o mundo e de nos esforçarmos, todos os dias, por sermos pessoas melhores.

Em boa verdade, mais do que a nossa breve passagem por Hollywood, o nosso prémio foi o ensinamento para a vida que aquela pessoa invulgar nos transmitiu: tudo o que fazemos desde que abrimos os olhos de manhã até nos deitarmos, pode mudar o mundo. Aprendemos que o bater das asas de uma borboleta em Tóquio pode causar um furacão em Nova Iorque (Teoria do Caos).

Foram umas férias de sonho, em que, para além de termos conhecido uma das nossas personagens favoritas, ainda participámos num dos episódios da série CSI: Miami. Foram dias marcantes e cheios de ensinamentos.

Ema Santos
Henrique Morgado

Letícia Santos



Ana Fitzgerald encontrava-se agora no meio de um tiroteio, de um lado encontravam-se talvez os traficantes mais perigosos de Londres e do outro a equipa liderada por Ana.

Ana já se encontrava no topo da colina quando o avistou o mais temido bandido de toda a Londres e autoproclamado chefe dos traficantes.

Devem estar a pensar quem é a Ana Fitzgerald? O que estava a fazer no meio de um tiroteio? Que tipo de equipa estaria ela a liderar?

Para responder a estas questões, é melhor recuarmos um pouco no tempo, vamos voltar ao tempo em que a Ana estava apenas em no início da sua carreira.

Ana é a mais recente policial de Londres por isso ela não fica com os trabalhos mais importantes que o seu emprego na Polícia lhe reserva. Desde pequena que desejava ser da polícia, apanhar bandidos, acabar com contrabandos, impedir assaltos/ Não era a passar multas de estacionamento que ela imaginava que ia passar o trabalho.

Ana estava seriamente a pensar desistir, já não aguentava passar multas, ela queria um pouco mais de ação, não queria ficar agarrada áquilo até à reforma. Ela achava que não havia mais volta a dar, porém um dia quando ia para o trabalho, viu um homem a apontar uma arma a uma criança num beco.

Ana sabia que seria penalizada se não chamasse um colega de trabalho experiente e autorizado para realizar o socorro da criança, mas se perdesse tempo a fazer o que o regulamento manda poderia ser tarde demais para a criança/

Não pensou duas vezes, chegou por trás do bandido e conseguiu desarmá-lo. Logo depois apontou a arma para ele e mandou-o seguir com ela até à esquadra. Também pediu para a criança ir com ela para depor contra o estranho.

Assim que lá chegou, dirigiu-se para a sala de interrogatório onde o seu superior interrogou a criança e a seguir o bandido, após a sessão de interrogatório, o Delegado Fernandes pediu para a Ana Fitzgerald se dirigir ao seu gabinete.

Ana pensou que seria castigada ou pior que seria despedida, porém as notícias foram outras, o Delegado disse-lhe que ficou impressionado com a sua astúcia e forma rápida de agir. Ele disse que muitos caloiros nunca o teriam feito. Apesar de ela ter quebrado uma regra bastante importante, isso não mudava o fato de ter salvo uma vida e de ter detido um bandido, por isso o Delegado decidiu que a iria promover, ou seja, ela iria começar a ir em resgates, perseguições, negociações, todo o tipo de trabalho que já havia sonhado.

Nos meses seguintes, Ana começou a destacar-se de entre os seus colegas, e novamente foi promovida, desta vez ela era a comandante de uma equipa de policias novatos, pouco experientes, mas não era nada que um pouco de trabalho árduo e um treino intensivo não pudessem resolver.

Foram necessários vários meses, mas por fim eles melhoraram bastante o seu desempenho e a sua competência durante o trabalho. Aprenderam a atirar, melhoraram a mira e a capacidade de negociação e principalmente aprenderam a agir com cautela para que sempre saíssem dos combates sem baixas.

Foi então que Fitzgerald recebeu uma ligação estranha. Quando atendeu, percebeu que era a voz do seu chefe, o Delegado, a pedir com urgência a presença dela e da sua equipe num bairro onde o maior bando de traficantes de Londres se escondia. Ele pediu urgência, pois a sua equipa havia sofrido muitas baixas, e iriam precisar de reforços.

Rapidamente ela desligou a chamada e convocou os seus homens. Avisou-os de que esta não seria uma tarefa fácil e que seria bastante perigoso. Além disso, pediu para eles se lembrarem de tudo o que lhes havia ensinado naqueles meses e também pediu que trabalhassem juntos e se ajudassem uns aos outros.

Quando chegaram ao bairro, puderam ver alguns homens a transportar feridos para o hospital, além disso também puderam ouvir os tiros. A equipa de Ana entrou sem medo na luta, esta podia ser complicada, mas eles no fundo sabiam que estavam prontos. Ana deu-lhes ordens expressas para não matarem ninguém, apenas desarmar e ferir em locais onde não existisse perigo de morte.

Ana subiu pelo bairro à procura do seu chefe. Quando finalmente o encontrou, viu escondido atrás de um muro, ferido na perna direita.

A comandante gritou por ajuda e depressa dois dos seus homens chegaram e cuidaram do Delegado.

Logo em seguida, continuou bairro acima e desarmou uns quantos traficantes, prendeu uns quantos outros e chegou a ferir alguns.

Depois de muito tiroteio, finalmente deparou com o líder, John River, um homem perigoso e que prefere resolver os seus problemas na violência.

Ana deu-lhe uma oportunidade de se render, porém ele não queria ser preso tão facilmente.

Foi então que Ana percebeu que aquele que atirasse primeiro estaria salvo. Aquele foi o momento mais aterrorizante na sua vida, ela tinha acabado de ver a sua vida passar á frente dos seus olhos. Ao repensar na sua vida, percebeu que se fosse para partir, partiria com orgulho.

Todos ouviram aquele tiro. A patrulha de Ana logo chegou ao local. Eles pensaram que o pior havia acontecido, porém os seus olhos não podiam acreditar no que viam, a sua comandante estava viva, fora ela a dar o primeiro tiro, fora ágil o suficiente para o ferir antes que ele apertasse o gatilho. Ela havia-o ferido John no braço esquerdo, incapacitando-o de atirar. Ele estava agora desarmado e algemado aos seus pés.

Depois deste ato de bravura e de livrar o moro dos traficantes, Ana recebera um prêmio na polícia e fora felicitada por todos. Dias depois ela foi convidada a dar uma entrevista especial ao vivo para que toda a Inglaterra conhecesse a salvadora de Londres.

Assim todos aqueles que assistiram à sua entrevista puderam perceber o seu valor.

Ana deixou uma última mensagem para o público antes de partir para a sua próxima tarefa: pediu para nunca desistirem e acreditarem que com algum esforço e dedicação conseguiriam realizar qualquer sonho mesmo que as pessoas ao seu redor não acreditassem.

Diário

por Henrique Morgado



Diário

Terça-feira à noite, 8 de maio de 1945

Amigo,

Estou assustado. O inferno subiu à terra. Esta maldita guerra, que dizem agora ter terminado, devastou o mundo e dizimou grande parte da população.

A criança que eu era tornou-se adolescente à força. Não tive tempo para crescer, não vivi, só reagi. O instinto de sobrevivência apurou características em mim que eu nunca imaginaria ter. Eu era destemido e agora estou sempre a olhar por cima do ombro. O medo assola-me. Tenho dificuldade em manter a esperança de viver que me foi ensinada. Nem sei muito bem se quero sair daqui e olhar pró mundo. O adulto que serei foi moldado pelos últimos 6 anos de um filme de terror a que assisti a partir desta caixa de madeira, debaixo do chão.

Fui de inocente a consciente em segundos, moldado pelo som dos gritos, dos tiros e das bombas. Nunca ninguém me tinha dito que viemos a este mundo para sofrer.

Só tenho 13 anos e nasci no seio de uma família católica que acredita em Deus e na vida eterna. Não sei se é por amar tanto os meus pais ou se é por ser mais fácil viver acreditando que nada acaba aqui, eu tenho fé.

Nunca equacionei o medo de enfrentar a morte diariamente e ver-me, assim, preso, por dentro e por fora.

Ao princípio parecia que estava a brincar com a família aos esconderijos e até esqueci os olhares amedrontados dos pais enquanto me empurravam a mim e aos meus irmãos para a minúscula reentrância do chão. Nem sequer sabia deste alçapão. Não fosse estarmos sempre distraídos uns com os outros até poderia ter notado o som oco da madeira por debaixo deste grande tapete. Mas não.

E agora, vendo pela primeira vez as estrelas, em 6 anos, penso na humanidade, à medida que inspiro lentamente o ar frio desta noite de primavera.

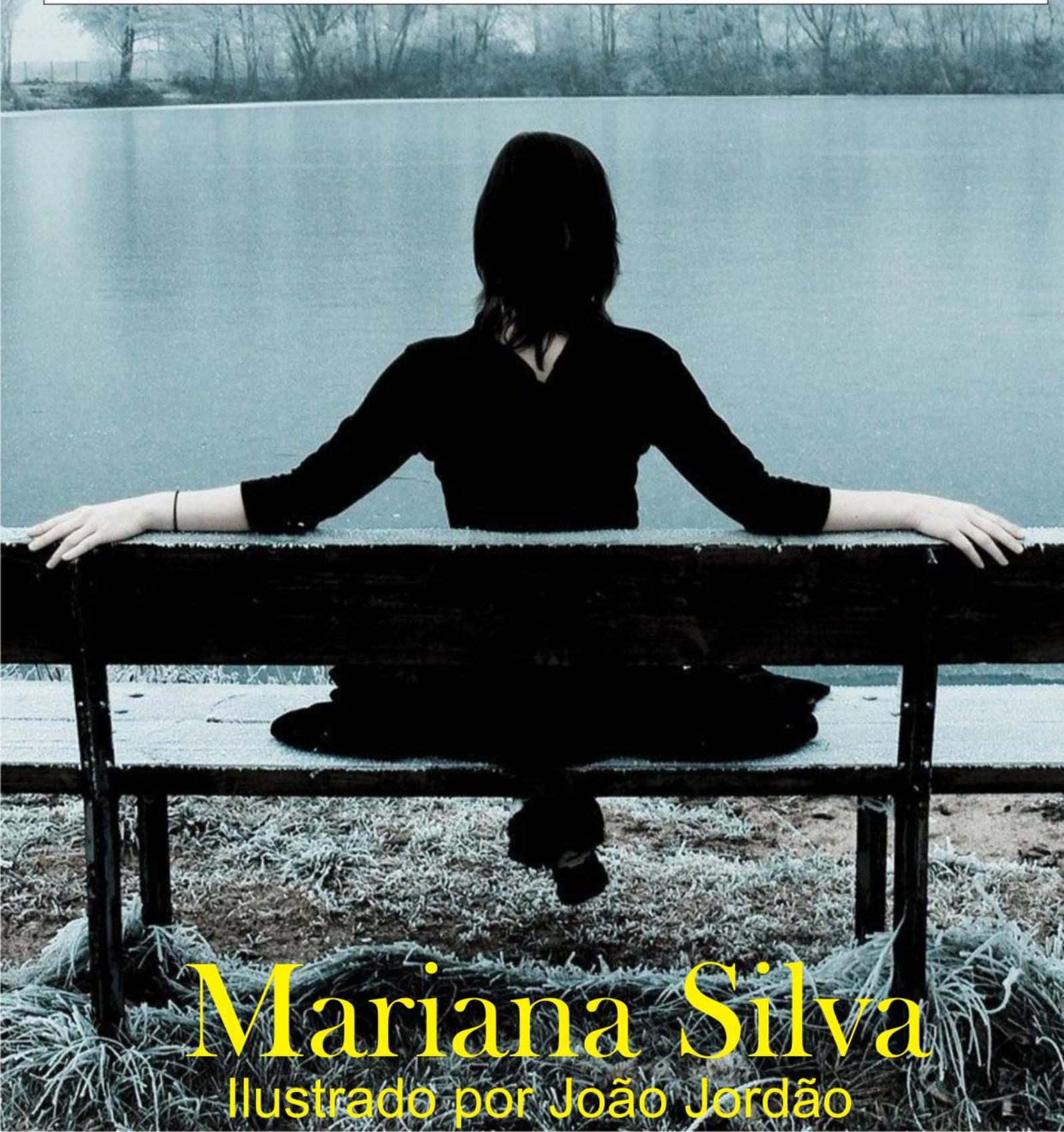
O que é que mudou tanto na mentalidade humana para nos esquecermos que todos viemos ao mundo da mesma maneira/ brancos, pretos, amarelos/ que diferença faz a cor, credo ou religião? Acredito que dá para coexistir apesar das diferenças entre os seres humanos, se houver como base fundamental o respeito, mas não foi isso que aconteceu durante esta grande guerra, pois a ganância e a luta pelo poder prevaleceram.

Não sinto nada e sinto tudo. Estou meio absorto, ladeado de caos e confusão. Revejo os meus amigos, porém os seus sorrisos já não são os mesmos e os seus olhares estão vazios. Não é humanamente possível sobreviver ao inferno sem queimaduras, e nem sequer me refiro às do corpo, pois essas cicatrizam, mas às da alma.

Dizem que a guerra acabou, mas a luta interior dentro de cada um de nós terá, efetivamente, terminado? O que é que fizemos uns aos outros? É este o mundo em que queremos viver?

Henrique Morgado

Por dentro não cai a suave neve invernosa



Mariana Silva

Ilustrado por João Jordão

Por dentro, não cai a suave neve invernososa

Por dentro, não cai a suave neve invernososa/

Meus sonhos são meros aviões em terra!

E há em mim toda a mágoa do vazio,

Por viver este Natal como uma guerra/

Deitado sobre escombros, falece o calendário nado-morto,

Deitada sobre palhas, adormece a compadecida Ternura/

Por dentro, pouco tremeluz a amena chama do conforto!

E adere-me ao rosto um véu opaco de tristura/

Por dentro, não cai a suave neve invernososa/

!travessei o calendário, sou caminheiro de sorriso camuflado/

Peregrino de semblante embaciado/

Por dentro, não cai a suave neve invernososa/

Na modorra da minha alma, há febril saudade de outrora,

Na claraboia do meu olhar, há salgadas bagas de orvalho/

Ai! coração sem agasalho, pudera eu ver a Estrela de uma nova aurora!

E, por dentro, pudesse cair a suave neve invernososa!

Mariana Silva



FELIZ NATAL- SÉC. XXI

A cidade está iluminada, bonita...
Não diria que esta noite pertencesse a este dia
Para não dizer a este ano.

Não é Natal, mas já estamos em dezembro
E de repente a vida parece bela,
Ou talvez sejam apenas as ruas.
Não sei bem.
Deixo-me levar.

E eu que passo por elas
Parece que respiro outra vida.

Reavivam-se memórias.
Viajo no tempo.

Estavam para chegar os dias dos grandes banquetes, das grandes jantaradas.
Em breve a lareira estaria acesa
E a família em seu redor a contar histórias embaraçosas de algum primo que nem sabia que existia
Mas que também estava ali, a rir de vergonha.

Estava para chegar ao que parecia ser a única altura do ano
Em que era possível ter todos os avós reunidos na mesma casa,
Todos os tios e tias,
Primos e primas...
Enfim, toda a família!
Era uma alegria!
Por algum motivo era preciso chegar o Natal para isto acontecer, mas não importa.

Algo me interrompe esta alegria de lembrar.
Ouço um estilhaçar.
Não demorei muito a perceber que foi na rua de dentro.

A consciência atravessou-se no caminho.
Ergueu-se em menos de segundos como um muro
E a ilusão que sobrevoava sobre o coração embateu nela
E caiu redonda no chão.

Senti-a partir.
Senti-a espetar.
E à medida que espetava, acordava
E à medida que acordava, sentia.

De repente sei.
Sei que cada vez há menos gente à mesa nesse dia.
Sei que se não for o barulho da televisão é uma noite morta.
O peru no tabuleiro parece tentar meter conversa.
A ânsia pela meia noite já não é pelo mesmo motivo.
E nem a lareira é capaz de aproximar as pessoas,

Porque parece cada vez mais fria ao longo da noite.

E a cada ano que passa é pior.

Será que sempre foi assim e eu tinha um forte poder imaginário quando criança,
Ou desaparecer faz parte da evolução humana e está tudo a correr como suposto?
Se calhar é verdade que só nos temos a nós no final/

Tenho duas pessoas da família com quem passar o Natal
E nem ter as duas juntas me parece ser possível.
Resta-me a mim e à minha cadelinha que amo tanto
E até ela me querem tirar.

"E o que é feito dos outros todos? Eram tantos!..."
Não sei, sinceramente.
Uns morreram, outros não sei.
Infelizmente só sei dos que morreram,
Porque só assim é que se sabe alguma coisa de alguém.
Se calhar nunca existiram e eu imaginei tudo!...
Era só uma criança na altura destas memórias felizes.

Não passou muito tempo desde essa época:
Ainda sou jovem e com dois ou três sonhos,
Mas sinto-me como uma velhinha
A contar histórias longínquas de uma infância já difícil de recordar.
E o pouco que ainda recordo
Faço-o com uma nostalgia que me deixa doente.
Deixa-me doente e é do coração
Por ter noção que esses tempos jamais voltarão a ser o que eram.
Ou sequer jamais voltarão a ser alguma coisa!
Não porque não queira,
Mas porque todos os envolvidos já morreram
E eu por ser o elemento mais novo fiquei cá para contar pelas últimas vezes
A netos que nem sequer são meus...

Tragam-me as filhoses da minha avó,
E o arroz doce da minha mãe
Que todos comiam já a pensar numa maneira de lhes sacar a receita.
Tragam-me o meu avô para me contar piadas
E a ânsia pela meia noite para abrir as prendas
E não simplesmente para a noite acabar.
Tragam-me a crença de que éramos felizes e unidos,
E a árvore de Natal que este ano nem se montou
E peguem-me ao colo para colocar a estrela no topo como me fizeram sempre!

Ai que alegria de lembrar...

Venham e ralhem comigo por roubar os doces antes dos convidados chegarem
E aborreçam-me por me mandarem encolher os braços ao jantar de cinco em cinco minutos.
Até me podem mandar para a mesa das crianças
Por muito que odeie ser vista como tal!
Mas venham!

Já não é um convite,

É uma súplica.

Venham!

Venham que estou doente/

Já não é só o coração,

Agora tudo me dói.

O bom disso é que pelo menos sinto alguma coisa

E sei que estou viva

E que estou aqui/

Dói saber que este ano não tenho que encolher nem um braço nem outro,
Nem ninguém para andar de olho em mim quando estiver perto dos doces.

Dói não ter que lavar aquela louça toda que só de olhar ficava cansada.

Dói saber que será Natal e não cheirá a sequer a Natal,

Nem às filhoses da minha avó,

Nem a nada.

Venham!

Chego ao final da rua,

E à medida que me aproximo de casa

(Uma casa a que nem sequer pertence, mas que me deixaram pertencer por uns tempos),

Tudo vai escurecendo de novo.

O ar muda, e eu também.

E nem sequer foi por ter posto a máscara.

Meto a chave na porta.

Olho para o "Feliz Natal!" nela pendurado antes de a abrir.

Entro.

E assim que a fecho percebo que realmente o "Feliz Natal" ficou lá fora.

Amanhã passo lá outra vez

Para me embebedar de memórias

E fingir que não sei o tamanho da ressaca...

Feliz Natal.

Rita Costa

A Injustiça do Presépio

Fabiana Meio Alves



A Injustiçada do Presépio

Aproxima-se novamente aquela altura do ano em que celebram o primogénito E aniquilam qualquer profano.

A mim traz-me memórias que prefiro não relembrar, pois tão mais que os outros fiz E nunca me souberam valorizar.

Foi na cidade de Belém Que teve início a minha história pois o que eu associo a dor O povo associa a glória.

Tudo começou quando nasceu O filho de Deus, o Salvador, Pois a primeira a saber fui eu, Muito antes de qualquer pastor.

Rodeando o menino estava uma cambada de animais Todos eles meus inimigos, condecorados por motivos surreais.

O burro, que sempre me pisou, simboliza a humildade Não sei eu quem se lembrou de tal barbaridade!

Certamente foi o mesmo Que achou ser boa ideia representar a bondade pelo boi, o mais cruel daqui da aldeia.

E nem me façam falar dos que vieram a camelo Guiados por uma tal Estrela Segundo se conta com tanto zelo.

Gaspar ofereceu incenso A representar a divindade E Belchior estava cansado porque já tinha alguma idade.

Mas nem queriam ali estar pois ouvi-os a dizer que os obrigou o Baltazar E que tinham mais que fazer.

Isto são coisas que só eu sei. E nem Maria nem José Sabem da importância que tive mo acolhimento do bebé, e termino por contar O pior da minha triste vida.

Pois pelo meu maior feito nunca fui eu reconhecida.

Pois é vista a manjedoura como o berço do menino, o que não só me magoou como me pareceu descabido.

E eu reconheço que a manjedoura também o agasalha, mas ninguém protege o menino tão bem como eu, a palha.

Fabiana Meio Alves

EU SOU BURRO

Mateus Rodrigues



Max Chaykovskyy

Eu sou o burro

Eu sou o burro
Eu sou o burro
Não sou muito importante
Não sou um Rei Mago
Nem José Saramago
Não sei escrever textos
Muito menos poemas
Pois não tenho pretextos
Para os meus dilemas
No presépio está Jesus
E eu a o acompanhar
Mas seu eu fosse Pegasus
Saía daqui a voar
Pois não sou muito natalício
Só quero saber das prendas
Á festa dar início
E comer as merendas
E quando acaba o Natal
Perco o meu significado
Passo a ser só um animal
Muitas vezes criticado
Como estive de férias
Não me apetece pensar
Devo ter aquelas bactérias
As que impedem de raciocinar
Por isso já nem me vou esforçar
Em continuar a rimar
Vou-me apenas limitar
A dizer que isto acabou de acabar.

